

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

CAMILA SANTIAGO LUZ

**AS VESTES DE CATÃO, O JOVEM: PLUTARCO E O IDEAL DE HOMEM
POLÍTICO**

**MARINGÁ
2013**

CAMILA SANTIAGO LUZ

AS VESTES DE CATÃO, O JOVEM: PLUTARCO E O IDEAL DE HOMEM
POLÍTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá - UEM, para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Política, movimentos populacionais e sociais. Linha de pesquisa: Instituições e história das ideias.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Renata Lopes Biazotto Venturini

**Maringá
2013**

(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

L979v Luz, Camila Santiago
As vestes de Catão, O Jovem: Plutarco e o ideal de homem político / Camila Santiago Luz. -- Maringá, 2013.
76 f.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Renata Lopes Biazotto Venturini.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em História, 2013.

1. História romana. 2. Estoicismo romano. 3. Filosofia estoica - Instituições políticas romanas. 4. Plutarco - Império romano. 5. Plutarco - Biografias - Vidas paralelas. 6. Plutarco - Biografias - Catão, O Jovem. 7. Biografia - História antiga. I. Venturini, Renata Lopes Biazotto, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 21.ed. 188

MN-0000806

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

CAMILA SANTIAGO LUZ

**AS VESTES DE CATÃO, O JOVEM: PLUTARCO E O IDEAL DE HOMEM
POLÍTICO**

Aprovado em 27/02/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Renata Lopes Biazotto Venturini (orientadora)
Universidade Estadual de Maringá

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida de Oliveira Silva
Universidade de São Paulo (São Paulo)

Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis
Universidade Estadual de Maringá

À minha família, que me apoiou em toda a minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que colaboraram para a realização desta dissertação.

Em primeiro lugar, à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Renata Lopes Biazotto Venturini, por sua orientação e por ter me inspirado o amor à História antiga desde os tempos da graduação.

Ao Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis, por ter aceitado participar de meu exame de qualificação e pelas valiosas sugestões e intervenções que muito contribuíram para a realização de minha pesquisa.

Faço um agradecimento especial à Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida de Oliveira Silva, pelo acolhimento e incentivo no decorrer dessa jornada.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), eu agradeço pelo financiamento que possibilitou a compra de materiais necessária para essa pesquisa, enriquecendo-a.

Ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, pela oportunidade concedida.

Agradeço aos meus pais, Armando e Maria de Lourdes, por me apoiarem e incentivarem no percurso de minha vida.

À minha irmã, Aline, pelas horas de escuta, pela cumplicidade e apoio que me auxiliaram a concretizar esta etapa.

Ao Luiz, pela paciência e carinho demonstrados.

RESUMO

O senador republicano Catão, o Jovem (95 - 46 a.C.) passou para a história romana como um modelo de virtude a ser seguido. Diversos foram os autores da Antiguidade (Sêneca, Valério Máximo e Lucano) que o elogiaram em seus escritos por sua conduta ética e austera. O político romano foi uma das personalidades biografadas por Plutarco em sua obra *Vidas Paralelas*. No presente estudo procuramos entender de que forma o autor grego construiu em sua narrativa a imagem de Catão, levando em conta que este foi um notório seguidor da corrente filosófica estoica a qual Plutarco opunha-se. O estoicismo criado por Zenon de Cítio (336- 264 a.C.) surgiu na *pólis* de Atenas por volta do ano 301 a.C. Contudo, foi na Roma dos imperadores, mais precisamente durante os dois primeiros séculos da era atual, que ele florescera. A filosofia estoica tinha como premissa a busca pela extinção das paixões (*apatia*) e o engajamento na vida pública objetivando o bem comum. Observamos que a figura de Catão é retratada com qualidades que seu biógrafo julgava importantes para o bom governante, a saber, a justiça, a *humanitas* e a concórdia. Contudo, ela tece uma forte crítica ao estoicismo quando relacionado com a atividade política, lembrando que, na época de Plutarco, essa corrente filosófica era muito popular entre os políticos romanos. Desta forma, entendemos que *Vida* do magistrado serve a um propósito político que não pode ser entendido somente por seu aspecto moral e educacional.

Palavras-chave: Plutarco, Catão, o jovem, Vidas paralelas, Estoicismo, Biografia.

ABSTRACT

The republican senator Cato, the Younger (95-46 BC), was known by Roman history as a model of virtue to be followed. Several were the authors of Antiquity (Seneca, Valerius Maximus and Lucan) who praised him in his writings for his austere and ethical conduct. The Roman politician was one of the personalities profiled by Plutarch in his *Parallel Lives*. In this study, we try to understand how the Greek author in his narrative built the image of Cato, taking into account that he was a notorious stoicism's follower, which Plutarch opposed. Stoicism was created by Zenon of Citium (336-264 BC) and came in the polis of Athens around the year 301 BC. However, it was in Rome of the emperors, particularly during the first two centuries of the current era, that it flourished. The Stoic philosophy was premised on the search for the extinction of passion (apathy) and engagement in public life aimed at the common good. We note that the figure of Cato is portrayed with qualities that his biographer judged important for the good ruler, namely, justice, harmony, and the spirit of *humanitas*. However, it weaves a strong criticism of stoicism when related to political activity, recalling that the time of Plutarch stoicism was very popular among Roman politicians. Thus, we believe that the magistrate *Life* serves a political purpose that can not be understood only by its moral and educational aspects.

Key words: Plutarch, Cato, the younger, *Parallel lives*, Stoicism, Biography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1. Plutarco e o gênero biográfico	14
1.1. Plutarco	14
1.2. Catão, o Jovem	17
1.3. A historiografia e Plutarco	22
Capítulo 2. O principado e a crítica ao estoicismo em Catão, o Jovem.....	30
2.1. A crise da República e o Principado Romano.....	30
2.2. Plutarco e o estoicismo	39
Capítulo 3. Plutarco e o bom governante.....	52
3.1 <i>A humanitas</i> e as virtudes romanas.....	52
3.2 Plutarco e a formação do cidadão virtuoso.....	57
3.3 O exemplo de Catão, o Jovem	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
Fontes Impressas.....	73
Bibliografia	73

INTRODUÇÃO

As obras de Plutarco foram analisadas por diversos historiadores, levando em conta apenas seu aspecto moral e pedagógico. Contudo, ao observarmos o histórico de vida do autor e o conteúdo de alguns de seus escritos, percebemos uma preocupação com a atividade política. Essa preocupação está presente também em suas biografias, a começar pelas escolhas de seus biografados, que são em sua maioria líderes políticos e militares.

Sabemos que o processo de construção da memória de uma vida sofre influência de seu autor que, em certa medida, molda a imagem de seu biografado ao salientar alguns aspectos em detrimento de outros, bem como ao selecionar o que fará ou não parte da narrativa biográfica.

Verificamos assim que o biógrafo não está ausente de sua narrativa; pelo contrário, é ele quem seleciona de acordo com o seu julgamento moral aquilo que deve servir de exemplo para seus leitores, inclusive classificando quais desses são positivos ou negativos.

As biografias antigas possuíam uma função educacional. Seus protagonistas tinham como premissa servir de exemplo aos seus leitores, que ao lerem suas vidas, inspiravam-se ou não nas suas posturas morais e, desse modo, pautavam as suas ações baseando-se nos exemplos por elas fornecidos.

Desta forma, os personagens das biografias, embora tenham realmente existido, constituíam-se em um modelo a ser ou não seguido.

A função pedagógica, entendida como objetivo principal das biografias, fez com que as obras desse gênero literário fossem estudadas visando o seu caráter moralizante e educacional.

As *Vidas* de Plutarco não foram exceções, elas foram relacionadas ora ao campo filosófico, ora ao campo literário ou ao campo pedagógico. Desta forma, seus escritos foram majoritariamente analisados levando em conta esses aspectos, despidendo-os de seu conteúdo político e histórico.

Todavia, percebemos com nossa pesquisa que esses escritos não estão desassociados do contexto político de seu autor, uma vez que neles estão presentes comentários e críticas que evidenciam sua preocupação sobre esse assunto.

Ademais, Plutarco destaca o caráter de sua personagem com o intuito de fornecer ao governante, ou futuro governante, exemplos do que fazer e como agir ou não dentro do âmbito político. Assim, as biografias plutarquianas possuem uma função pedagógica voltada para a prática política, educando o governante para administrar a comunidade de forma justa e virtuosa.

Neste sentido, entendemos que biografia de Catão serve a um propósito político, pois, ao relatar a vida do magistrado romano, Plutarco tece críticas à filosofia estoica, que era bastante influente nos meios políticos de sua época, apontando os perigos que esta filosofia pode gerar quando atrelada ao exercício do poder.

Embora a Vida de Catão não tenha sido objeto principal das pesquisas dos estudiosos, e as análises sobre ela não terem sido tão inúmeras e variadas quanto as de outras biografias, como as de Alexandre e Julio César, alguns trabalhos colaboraram para que pudéssemos realizar nosso estudo, dentre os quais destacamos o de Simon Swain, intitulado *Plutarch's lives of Cicero, Cato and Brutus*.

Neste trabalho, Swain analisa a *Vida de Catão* em conjunto com as *vidas* de Brutus e Cícero e demonstra como Plutarco descreve os vícios e virtudes de seus biografados, relacionando-os com a educação que estes tiveram.

O trabalho de Marlein Van Raalte (*More philosophico: Political virtue and philosophy in Plutarch's Lives*) também exerceu importante contribuição para a nossa pesquisa. Nele a autora traça uma discussão sobre as virtudes filosóficas e as virtudes políticas dentro do pensamento plutarquiano, por meio da análise de algumas das biografias de Plutarco, incluindo a de Catão.

Deste modo, nosso trabalho vem a somar as pesquisas que concernem diretamente a análise da *Vida de Catão, o Jovem* e que fazem desta o objeto principal de seus estudos.

Sob esta premissa, analisaremos de que forma Plutarco constrói a figura de Catão, apresentando-o como exemplo de governante a ser seguido, ao mesmo tempo em que elabora uma crítica a utilidade política da filosofia estoica da qual seu biografado fora seguidor.

O primeiro capítulo desta dissertação compreende uma apresentação do autor e de suas obras, bem como de seu biografado, acompanhadas de uma discussão sobre a utilização de biografias como fonte de análise histórica e uma breve exposição sobre a historiografia plutarquiana.

Em seguida, analisamos o contexto em que o autor viveu, para melhor entender sua relação com a política e sociedade romana. A relação de Plutarco com a filosofia estoica também é explorada neste capítulo por meio da análise da *Vida de Catão, o Jovem*, demonstrando como esta configura-se em um alerta contra a aplicação dos preceitos estoicos no âmbito político.

Por fim, o terceiro capítulo discute a representação do magistrado romano como homem político ideal, apresentando quais as características que, para Plutarco, são próprias de um bom estadista e de que forma encontram-se presentes na figura do senador.

Capítulo 1. Plutarco e o gênero biográfico

1.1. Plutarco

Embora tenha sido afamado no mundo antigo, pouco se sabe sobre a vida de Plutarco. As informações que possuímos sobre ele advêm de fragmentos de textos deixados pelo próprio autor e de algumas inscrições provenientes de Delfos, cidade na qual logrou exercer a função de sacerdote de Apolo Pítio, já com idade madura.

Plutarco nasceu no ano de 46 de nossa era na pequena cidade de Queroneia. De família abastada e notável em sua cidade, iniciou seus estudos em Atenas por volta de 65 d. C., onde estudou retórica, física, literatura grega e filosofia.

Durante seus estudos em filosofia entrou em contato com diversas correntes; entre estas figuravam a estoica, a epicurista e a peripatética. Contudo, foi a filosofia de Platão a que lhe mais agradou e nesta teve como professor o filósofo e general hoplita Ammonius, o qual é mencionado em diversos tratados escritos pelo autor grego.

Após completar sua formação e já tendo então adquirido a cidadania ateniense, Plutarco viajou por diversas regiões do Império Romano, como as da Sicília, Ásia Menor e a cidade de Alexandria, onde teve uma breve instrução em medicina.

No ano de 68 d. C. retornou à sua cidade natal e contraiu matrimônio com Timossena (que foi sua única esposa) e com ela teve cinco filhos, dos quais três morreram ainda jovens. Foi também em Queroneia onde Plutarco começou a escrever suas obras.

Durante o fim do principado de Vespasiano (69-79 d. C.), Plutarco realizou a primeira de suas viagens a Roma. Nessa época já era conhecido por seus contemporâneos e lá ministrou diversas conferências e aulas como professor de filosofia.

Em Roma, o escritor beócio conviveu com membros da aristocracia romana. Um deles foi Lucius Mestrius Florus (amigo do Imperador Vespasiano¹), cuja influência permitiu a Plutarco angariar o título de cidadão romano, adotando inclusive o nome gentílico de Florus.

Por volta de 90 d. C. o escritor grego fixou-se em Queroneia e escreveu ali a maior parte de suas obras. Contudo, ele não permaneceu enclausurado. Além de eventuais viagens pela Grécia, Plutarco, então com status de cidadão romano², exerceu diversos cargos políticos e militares importantes, sendo nomeado procurador da província da Acaia e chegando a galgar o cargo de procônsul durante o principado de Trajano.

Pouco tempo depois de se estabelecer em Queroneia, Plutarco assumiu o cargo de sacerdote laico do famoso templo de Apolo em Delfos, cargo que exerceu por mais de vinte anos, chegando inclusive a organizar os jogos píticos.

Entre os anos de 119 e 125 d. C., faleceu, deixando-nos diversas obras, dentre elas vários tratados morais, políticos e religiosos, afora os pares de biografias de homens ilustres da história grega e romana.

¹ T. Flavius Vespasianus, chefe militar e político romano membro da classe dos equestres. Tornou-se Imperador em 69 d.C. após entrar em Roma com seu exército. Faleceu em 79 d.C. GRIMAL, P. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1999, p. 93.

² A Cidadania romana permitia ao seu portador gozar de uma séria de direitos jurídicos só disponíveis ao cidadão, tais como: os direitos de haver bens e dispor deles de acordo com sua vontade, participar nos cultos públicos, elaborar contratos e testamentos e de guarda e tutela de indivíduos. A partir do governo de Otaviano Augusto (27 a.C. – 14 d.C.) a cidadania romana sofreu um processo de expansão e homens não romanos puderam adquirir o status de cidadão por meio do favor imperial. Ver: Claude Nicolet, “O cidadão e o político”, In:GIARDINA, A. (dir.). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.

Basta passarmos os olhos pelas obras de Plutarco para percebermos quão ativo escritor ele foi. O catálogo de Lâmprias³, datado do século III ou IV d. C., contabiliza 227 escritos do autor, desses apenas uma parte sobreviveu até o nosso tempo.

Os trabalhos que chegaram até nossos dias foram divididos em duas compilações, intituladas de *Moralia* e *Vidas Paralelas*. Na primeira dessas compilações, *Moralia*, encontram-se por volta de 75 tratados de temáticas diversas e escritos em diferentes momentos da vida do autor.

De acordo com Robert Flacelière⁴ esses tratados foram divididos em onze categorias pelo helenista alemão Konrat Ziegler: dissertação de gênero retórico (à maneira dos sofistas), tratados de “psicologia” animal, tratados propriamente filosóficos, tratados de moral, tratados de pedagogia, tratados de política, tratados de teologia, tratados de física e cosmologia, tratados de erudição e história, tratados de crítica literária e histórica e tratados inclassificáveis em consequência da variedade de assuntos abordados.

Essas categorias ilustram bem a variedade de assuntos abordados pelo escritor beócio⁵, que não se restringiu aos escritos políticos e filosóficos, mas também abordou questões inerentes a alma humana, como o amor e a amizade.

Já a segunda compilação, *Vidas Paralelas*, consiste em biografias, das quais 23 chegaram até nós e começaram a ser escritas por volta de 96 d. C., portanto trata-se de uma obra produzida no período maduro da vida do autor.

As biografias elaboradas por Plutarco têm como personagens principais

³ Lista das obras de Plutarco supostamente organizada por seu filho Lâmprias. FLACELIÈRE, R. IRIGON, J. Introduction générale. In: Plutarque: Ouvres Morales, tome I, 1re partie, Paris: Belles Letres, 1987 p.CCCIII

⁴ *Ibidem* p.VIII

⁵ Bécia, região da antiga Grécia.

personalidades políticas ou militares da história grega e romana e foram organizadas em pares, com a finalidade de melhor estabelecer uma comparação entre as virtudes e defeitos comuns do par exposto.

Os pares de biografia que nos restaram foram os de *Teseu e Romulo, Licurgo e Numa, Temístocles e Camilo, Solón e Públícola, Péricles e Fábio Máximo, Alcibiades e Coroliano, Focion e Catão, o jovem, Agis-Cleomenes e Tibério e Caio Gracos, Timoleão e Paulo Emilio, Eumênes e Sertório, Arístides e Catão, o velho, Pelópidas e Marcelo, Lisandro e Sula, Pirro e Mário, Filopêmen e Tito Flaminino, Nícias e Crasso, Cimão e Lúculo, Dião e Bruto, Agesilau e Pompeu, Alexandre e César, Demóstenes e Cicero, Demétrio e Antônio.*

Somam-se aos pares biográficos quatro outras vidas desparelhadas que também fazem parte da obra; são elas as de: Árato, Artaxerxes e dos imperadores romanos Galba e Oto.

1.2. Catão, o Jovem

Marco Porcio Catão nasceu no ano de 95 a. C. e ficou conhecido como Catão de Útica, por ter sido esse o lugar de sua morte, ou Catão, o Jovem, para diferenciá-lo de seu bisavô, o também ilustre Catão, o Velho.

Sua fama por seu caráter e virtude fez com que fosse admirado e elogiado por autores como o filósofo estoico Sêneca⁶, o escritor Valério Máximo⁷ e o poeta Lucano⁸, que o fez seu herói em sua obra inacabada *Farsalia*.

Contudo, as obras concernentes diretamente a vida de Catão, tais como o *Catão* de Cícero⁹, o *Anticatão* de Julio César¹⁰ e a biografia feita por P. Clódio Trasea Peto¹¹ perderam-se, restando-nos somente a biografia escrita por Plutarco.

Órfão de pai e mãe, Catão foi criado na casa de seu tio materno Livio Druso junto com sua irmã Porcia e seus meio-irmãos Cépion e Servília¹², só mudando-se de lá quando exercera o cargo de sacerdote de Apolo. Teve como preceptor um homem chamado Sarpedon de quem nada se sabe. Seu instrutor na filosofia estoica foi o filósofo Antípatro de Tiro.¹³

⁶ Filósofo estoico do século I d.C., escreveu diversos tratados de moral entre os quais figuram *Da Brevidade da Vida*, *Da Vida Feliz e Dos Benefícios*, bem como, tragédias e uma coleção de 124 epístolas –*Epistulae Morales ad Lucilium*– endereçadas ao seu amigo Lúcio, que constituem-se em ensaios morais sobre variados aspectos da vida, tais como: o bem supremo, a felicidade, os temores da morte entre outros. Suicidou-se no ano de 65 d.C. acusado de ter participado da Conjuração de Pisão que tinha por objetivo o assassinato do Imperador Nero de quem fora preceptor. ULLMANN, R. *O estoicismo romano Sêneca Epicteto e Marco Aurélio*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996 p.9-66

⁷ Escritor romano do século I d.C. Autor da obra *Factorum dictorum memorabilium* dedicada ao Imperador Tibério, cujo intuito era elogiar uma série estabelecida de virtudes romanas por meio de anedotas e relatos tradicionais ou extraídos de historiadores e filósofos.

⁸ Poeta romano do primeiro século da era atual. Sobrinho de Sêneca fez parte da Conspiração de Pisão e foi obrigado a suicidar-se em 65 d.C.

⁹ Filósofo e político romano do período republicano, nascido em 106 a.C, famoso por sua oratória e por seus discursos contra o senador Lucio Sergio Catilina, conhecidos como *Catilinárias*. Escreveu variadas obras entre as quais figuram *De res publica* e *De legibus*. Morreu em 42 a.C, assassinado a mando de Marco Antônio. GRIMAL, P. *História de Roma*. São Paulo: Editora Unesp, 2011 p.107-117

¹⁰ Líder militar e político romano. Nasceu em 100 a.C, formou o primeiro triunvirato em conjunto com Pompeu Magno e Marco Licínio Crasso. Das obras que escreveu apenas duas chegaram até nós, *De bello Gallico* e *De bello Civili*. Em 44 a.C. morreu assassinado em uma reunião do senado por um grupo de senadores que acreditavam estar agindo em nome da manutenção do regime republicano. MACKAY, C. S. *El declive de la República romana: de la oligarquía al Império*. Barcelona: Editorial Planeta, 2011 p.281-367

¹¹ Orador e Filósofo romano do século I d.C. Foi condenado à morte por Nero e suicidou-se em 66 d.C.

¹² Amante de Julio César e mãe de Marco Júnio Bruto, um dos assassinos de César. MOMMSEN, T. *História de Roma*, livro V. Madri: Turner publicaciones, 2003.

¹³ Filósofo estoico, contemporâneo de Catão, o jovem. Vida de Catão, o Jovem 4.2

Entre os anos de 73 a. C. e 71 a. C., serviu como voluntário junto ao seu meio-irmão na *Guerra dos Escravos*¹⁴ contra o gladiador Espártaco. Em 67 a. C. foi nomeado tribuno militar e partiu à Macedônia para exercer o cargo.

No ano seguinte viajou à Ásia com o intuito de falar com o filósofo estoico Atenodoro¹⁵, a quem logrou convencer ir a Roma, tendo inclusive o hospedado em sua casa.

Tornou-se questor¹⁶ no ano de 64 a. C. e, dessa forma, iniciou sua carreira no *cursus honorum*¹⁷. Dois anos depois apresentou sua candidatura ao tribunato da plebe¹⁸ e foi eleito.

De acordo com Plutarco¹⁹, Catão candidatou-se a esse cargo para fazer oposição a Metelo Nepote²⁰, temendo que este pudesse ajudar Pompeu Magno²¹ em seus esforços para controlar Roma.

Pelo mesmo motivo recusou-se a estabelecer uma aliança com Pompeu ao não consentir os matrimônios²² deste e de seu filho com suas sobrinhas²³.

¹⁴ Revolta de escravos do período republicano conhecida também como Terceira Guerra Servil ou Guerra dos Gladiadores.

¹⁵ Filósofo do século I a.C. responsável pela biblioteca de Pérgamo. Ver notas: PLUTARCO. *Vidas Paralelas*, vol VIII. Introducciones, traducción y notas de Carlos Alcalde Martín y Marta González Gonzáles. Madrid: Editorial Gredos, 2010 p.95

¹⁶ Questor era o magistrado responsável pelas funções administrativas, em especial, a administração do erário público. Geralmente ocupado por membros dos grupos senatoriais com menos de 32 anos, era o primeiro passo dentro da hierarquia política do *cursus honorum*

¹⁷ O *cursus honorum* designava o percurso sequencial das magistraturas romanas.

¹⁸ Cargo político que tinha como característica o poder de veto. Apesar de não possuírem competências de governo os tribunos podiam, por meio do veto, barrar qualquer decisão do senado e dos cônsules. Na época de Catão os tribunos eram em número de dez. Não fazia parte do *cursus honorum*.

¹⁹ Vida de Catão, o Jovem, 20.3-8

²⁰ Quinto Cecílio Metelo Nepote foi um político do final da República romana (100 a.C-55 a.C). Amigo de Pompeu Magno, obteve o cargo de tribuno da plebe em 62 a.C. e cônsul em 57 a.C. Ver notas: PLUTARCO. *Vidas Paralelas*, vol VIII. Introducciones, traducción y notas de Carlos Alcalde Martín y Marta González Gonzáles. Madrid: Editorial Gredos, 2010 p.106

²¹ General e político romano (106 a.C-48 a.C) que fez parte da aliança política informal conhecida por Primeiro Triunvirato junto com Julio César e Crasso. Foi derrotado por César na batalha de Farsália em 48 a.C. e refugiou-se no Egito onde foi assassinado por ordem do Faraó Ptolomeu XIII. MOMMSEN, T. *História de Roma*, livro V. Madri: Turner publicaciones, 2003.

²² Vida de Catão 30.3-6

²³ Quanto ao grau de parentesco das nubentes, Plutarco aponta que “*Pero algunos dicen que no pretendió a las sobrinas sino a las hijas.*” (Vida de Catão 30.3-4)

Em 60 a. C. se opôs a César quando este, ao regressar a Roma, quis apresentar sua candidatura ao consulado²⁴, ao mesmo tempo que solicitava o triunfo²⁵.

Com efeito, César, ao regresso de sua pretura na Ibéria, queria apresentar a candidatura ao consulado e, ao mesmo tempo, solicitava o triunfo. Dado que, por lei, os aspirantes a um cargo deviam estar presentes e, os que iam entrar em triunfo, permanecer fora das muralhas, pediu ao senado que lhe permitisse solicitar o cargo por meio de outro. Muitos davam seu consentimento, mas Catão se opunha e, quando percebeu que estavam dispostos a agradar César, passou o dia inteiro falando e dessa forma impediu a deliberação do senado.²⁶ (Vida de Catão, o Jovem 31.3-6)

Contudo, os esforços de Catão para evitar a candidatura de César não foram suficientes. O general romano optou por apresentar sua candidatura ao consulado em vez de realizar o triunfo e, com o apoio de Pompeu, foi eleito cônsul em 59 a. C.

Nesse mesmo ano, se opõe novamente a César quando este propôs ao senado uma lei agrária²⁷ estipulando a distribuição do resto das terras públicas da Itália (com exceção da região da Campanha) à população pobre e aos veteranos de guerra.

²⁴ Cargo de magistratura mais alto dentro do *cursus honorum*. Aos cônsules, que eram em número de dois, cabia administrar os negócios públicos e comandar as campanhas militares.

²⁵ Era uma cerimônia feita para homenagear publicamente o comandante militar que tivesse sido vitorioso em uma guerra ou campanha militar. O comandante militar entrava em cortejo pela cidade exibindo as riquezas e os prisioneiros de sua conquista. GLARE, P, G, W. *Oxford Latin dictionary*. London: Oxford University press, 1968, p.1979.

²⁶ “En efecto, César, al regreso de su pretura en Iberia, queria presentar la candidatura al consulado y, al mismo tiempo, solicitaba el triunfo. Dado que, por ley, los aspirantes a un cargo debían estar presentes y los que iban a entrar en triunfo permanecer fuera de las murallas, pidió al senado que le permitiera solicitar el cargo por medio de otros. Muchos daban su consentimiento, pero Catón se oponía y, cuando se percató de que estaban dispuestos a complacer a César, pasó el día entero hablando y de esa forma impidió la deliberación del senado.”

²⁷ *Lex iulia agraria*

Mais uma vez, foi vencido e a lei foi aprovada pelo senado, tendo Crasso e Pompeu votado a favor desta. Em 58 a.C., Catão foi encarregado de conquistar o reino de Chipre e dessa forma foi afastado de Roma por seus adversários políticos.

Retornou a Roma dois anos depois de ter partido para Chipre, após ter cumprido com sucesso a missão a ele designada. No ano seguinte objetou contra a eleição de Pompeu e Crasso ao consulado, mas foi voto vencido, fracassando também em seu intuito de conseguir a pretura²⁸ nesse mesmo ano. Em 54 a.C. tornou-se pretor e, em 52 a.C., diante de uma possível guerra civil devido a disputa ao consulado por Escipión²⁹, Hipseo³⁰ e Milón³¹, apoiou Pompeu para que fosse eleito cônsul único.

Em 49 a.C. iniciou-se a segunda guerra civil romana³² e Catão tomou parte no conflito ao lado de Pompeu contra César. O Defensor da República cometeu suicídio em Útica no ano de 46 a.C. após a derrota dos exércitos republicanos na batalha de Tapso³³.

Sabe-se por meio da biografia de Plutarco que o senador romano casou-se com Atilia, com a qual teve Porcia e Marco, e com Marcia, com quem teve duas filhas e um filho os quais não sabemos os nomes³⁴.

²⁸ Cargo associado ao *cursus honorum* responsável pelas funções judiciárias. Era segunda maior magistratura dentro da hierarquia política romana.

²⁹ Político e militar romano membro da aristocracia. Lutou ao lado de Pompeu durante a segunda guerra civil romana, cometendo suicídio em 46 a.C. ao perder uma batalha para os exércitos aliados a César em Hipona. MACKAY, C. S. *El declive de la República romana: de la oligarquía al Império*. Barcelona:Editorial Planeta,2011

³⁰ Político e militar romano. MACKAY, C. S. *El declive de la República romana: de la oligarquía al Império*. Barcelona:Editorial Planeta,2011

³¹ Político Romano. MACKAY, C. S. *El declive de la República romana: de la oligarquía al Império*. Barcelona:Editorial Planeta,2011

³² Conflito militar entre os partidários de César e os partidários da República romana liderados por Pompeu Magno. MOMMSEN, T. *História de Roma*, livro V. Madri: Turner publicaciones, 2003. p.366-464

³³ Penúltima batalha entre os exércitos de Julio César e dos exércitos republicanos travada em 46 a.C. perto da cidade de Tapso situada na atual Tunísia. MACKAY, C. S. *El declive de la República romana: de la oligarquía al Império*. Barcelona:Editorial Planeta,2011.

³⁴ Sobre a data dos casamentos de Catão não se tem informação.

1.3. A historiografia e Plutarco

De acordo com Borges³⁵, tanto a biografia, ou seja, o relato de uma vida, quanto a história enquanto forma de conhecimento surgiram concomitantemente no mundo grego antigo.

Contudo, os historiadores gregos entenderam as biografias como uma narrativa à parte da história, uma vez que os biógrafos, em geral, não se preocupavam com a veracidade de suas fontes. Segundo Momigliano, essa característica de buscar a verdade nos fatos relatados era, para os antigos gregos, inerente ao trabalho do historiador.

De modo geral, o historiador grego estava sempre atento ao perigo de afirmar algo que não fosse verdadeiro ou sequer provável. Não que sempre tentasse evitar esse perigo, mas a escolha entre o que era verdadeiro e o que não era - ou pelo menos entre o que era provável e o que não era - era, para os gregos, uma condição inerente ao trabalho do historiador.³⁶

A narrativa histórica implicava “a pesquisa específica de acontecimentos passados”³⁷ baseada na análise de evidências, enquanto que a biografia não obedecia a esse critério. Dentro do gênero biográfico não era necessário verificar a veracidade e confiabilidade das fontes, o que contribuiu para a noção de que a narrativa biográfica fosse a-histórica.

³⁵ BORGES, V.P. *Grandezas e Misérias da Biografia*. In:_. Pinsky, C.B (org). Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2005.p.205

³⁶ MOMIGLIANO, A. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*.Bauru, SP:EDUSC,2004 p.39

³⁷ MOMIGLIANO, A. *História e biografia*. In:_. Finley, Moses I (org). *O legado da Grécia: Uma nova avaliação*.Tradução de Yvette Vieira Pinto de Almeida. Brasília: Edunb,1998 p.184

Da mesma forma, de acordo com Momigliano³⁸, a noção herodotiana-tucidideana de história centralizada nos grandes feitos políticos e militares colaborou para que esse entendimento sobre o gênero biográfico fosse reforçado.

Ademais, dentro da narrativa biográfica era permitido o uso de juízo de valores, exaltando ou denegrindo ora uma personagem ora outra, o que não cabia ao discurso histórico que “visando, como visava, à verdade, devia abster-se de excessos de elogios e acusações”³⁹. Dentro do discurso histórico, também evitavam-se as explicações metafísicas que, no máximo, eram mencionadas brevemente.

Segundo Momigliano, para Heródoto e Tucídides a história destinava-se

a preservar um registro seguro de eventos passados, precisando, portanto, estabelecer critérios de confiabilidade. Devia dedicar especial atenção a guerras e a revoluções políticas, porque estas produziam mudanças. Era compelida a fornecer explicação dos eventos na medida em que isso fosse compatível com o uso da evidência.⁴⁰

Plutarco compartilha dessa concepção de história, tanto que escreve no prefácio da Vida de Alexandre:

Na verdade, não escrevemos histórias, mas vidas, não há sempre uma manifestação da virtude ou do vício nos mais ilustres feitos, pequenas coisas como uma frase ou um gesto fazem ressaltar o caráter do que batalhas sangrentas, ou de grandes arsenais, ou de cercos às cidades [...] então eu devo permitir-me dedicar aos sinais da alma de um homem [...] deixando para os outros a grandiosidade dos fatos e as guerras. (Vida de Alexandre, 1. 2-3)

³⁸ *Ibidem* p.188

³⁹ MOMIGLIANO, loc, cit

⁴⁰ *Ibidem* p. 189

Para o biógrafo beócio a história tratava dos grandes feitos, das batalhas sangrentas e das proezas bélicas, por isso a diferenciou dos relatos de *vidas* destacando que sua narrativa era dedicada às manifestações de vícios e virtudes e aos traços da alma de seu biografado, revelados por meio de fatos menores, historicamente menos significativos, como um gesto ou uma simples palavra⁴¹.

Essa concepção de que a biografia dedicava-se a compreender o caráter de seus protagonistas é reforçada, em Plutarco, quando em uma passagem da *Vida de Catão*⁴², este justifica a seleção de eventos que utilizou para compor sua narrativa ao escrever “que não devemos omitir nem os menores traços do caráter quando estamos pintando, por assim dizer, um retrato da alma.”⁴³

Neste sentido Silva salienta que

Ainda que Plutarco tenha conferido forma biográfica a um conteúdo que poderíamos denominar de histórico, sua temática diferenciava-se da escolhida pelos grandes historiadores gregos, a saber, a guerra. Identificamos que Plutarco – herdeiro da tradição historiográfica iniciada no final do século VI a. C., o qual via a guerra como o tema da História – não se desvinculou dessa tradição, ao contrário, sua definição de história coincide com a do pensamento dos antigos gregos.⁴⁴

À escrita biográfica foi atribuída uma função educacional na qual o enfoque encontrava-se nas faltas e virtudes dentro do âmbito moral de seus biografados. Deste modo, esperava-se fornecer modelos de conduta aos seus leitores.

⁴¹ PLUTARCO. *Vidas de Galba e Otão*. Tradução e notas de José Luis Lopes Brandão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010 p.19

⁴² Vida de Catão, 24.1

⁴³ Dado que no debemos omitir ni los más pequeños rasgos del carácter cuando estamos pintando, por así decirlo, un retrato del alma.

⁴⁴ SILVA, MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA. *Plutarco Historiador: Análise das biografias espartanas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006 p.55

Como consequência, as biografias clássicas foram entendidas pela historiografia como obras de cunho essencialmente moralista, cuja importância limitava-se aos valores filosóficos e à função pedagógica.

Somente com a revolução documental e a introdução de novas abordagens dentro do campo do saber histórico no século XX é que essas obras passaram a ser de interesse dos historiadores⁴⁵.

Le Goff⁴⁶ afirma que “nenhum documento é inocente” e a biografia, como qualquer outra fonte, é portadora de um discurso que não é imparcial. Por trás de um relato há um sujeito que o produziu e, por vezes, a relação texto/autor é tão intensa que “mesmo que o autor não deseje se expor em seu trabalho, ele o faz.”⁴⁷

Por isso, é importante buscar saber as condições em que o autor escreveu seu texto, quem ele era e quais eram as relações que mantinha com a sociedade da qual fazia parte para, então, compreendermos a representação por ele construída em sua obra.

Para Ziegler as biografias, além de serem alternativas de escrita histórica, são fontes para a pesquisa histórica e

Nesse sentido o que importa na utilização de biografias como fontes não é saber se o autor está dizendo a verdade ou não, o que importa para o historiador é saber as condições em que o autor escreveu e o discurso por ele utilizado para reconstruir a vida daquele biografado.⁴⁸

⁴⁵ Trata-se da revolução documental proposta pelo movimento historiográfico da Escola dos Annales, fundado por Lucien Febvre e Marc Bloch, que visava renovar e ampliar o campo da pesquisa histórica privilegiando os métodos pluridisciplinares.

⁴⁶ LE GOFF, JACQUES. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010 p.110

⁴⁷ BORGES, 2005 p.218

⁴⁸ ZIEGLER, V. *Plutarco e a formação do governante ideal no principado romano: uma análise da biografia de Alexandre*. 2009.150 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdades de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2009 p.32

Deste modo, a utilização dos relatos de vidas como fontes tornam-se úteis aos pesquisadores da área de história ao serem analisadas buscando compreender as relações presentes entre a história de vida do autor, seu contexto e a construção imagética que este fez de seu biografado.

Conforme assevera Silva⁴⁹, a primeira tradução do original grego da obra *Vidas Paralelas* para uma língua moderna foi feita em aragonês por Juan Fernández de Herédia e foi publicada no ano de 1385. Essa tradução sofreu modificações em seu conteúdo histórico, por um lado com o fito de simplificar a narrativa e por outro, pelo desconhecimento que Herédia tinha da história greco-romana.

Contudo, fora só em 1559, quando Jacque Amyot publicou a tradução completa em francês de *Vidas Paralelas*, que a difusão da obra de Plutarco ganhou força dentro do continente europeu. Vinte anos depois foi a vez de Sir Thomas North traduzir para o inglês - tomando por base os escritos de Amyot - as biografias de Plutarco, tradução essa que teve entre seus leitores o dramaturgo William Shakespeare, que utilizou as biografias de Coriolano, Julio Cesar e Marco Antônio para compor suas peças sobre esses estadistas⁵⁰.

Com advento do neoclassicismo durante os séculos XVII e XVIII, a ânsia de estabelecer-se modelos de conduta para a Europa fez com que as obras dos autores gregos e romanos clássicos, como Plutarco, popularizassem-se entre os intelectuais europeus e fossem lidas por seu caráter filosófico, moral ou pedagógico.

⁴⁹ SILVA, M.A.O, 2006 p.36

⁵⁰ De acordo com Filomena Mesquita, a Tradução de Sir Thomas North de *Vidas Paralelas* foi feita a partir da tradução francesa de Jacques Amyot e não diretamente do original em grego. Ver Filomena Mesquita, "O Papel da Tradução de Thomas North no Plutarco de Shakespeare", In: *Actas do Congresso Plutarco Educador da Europa*, Porto, Fundação Eng. António Almeida, 2002, p.324.

Dentro da historiografia, os escritos do autor grego também foram analisados priorizando essas perspectivas. Logo, para C. B. R. Pelling, Plutarco⁵¹ teria elaborado seus escritos pensando no cunho moral e artístico de suas obras sem verificar a consistência dos fatos por ele mencionados. Para o historiador britânico, o escritor beócio não se preocupava com a veracidade de seus registros e elaborava os seus textos de modo desconexo.

Por sua vez, Swain⁵² entendeu nas biografias de Plutarco uma finalidade moralizante e educativa. Para o autor, as biografias plutarquianas possuíam o propósito de educar as gerações seguintes para que essas, por meio dos exemplos de conduta, evitassem os erros de seus ancestrais.

Neste sentido, o trabalho de Maria Aparecida De Oliveira Silva apresenta uma análise diferente das obras do autor e corrobora para a compreensão dos escritos biográficos de Plutarco a partir do âmbito da pesquisa histórica.

Em seu livro *Plutarco Historiador: análise das biografias espartanas*, ela sublinha que ao lermos a obra de Plutarco, *Vidas Paralelas*, percebemos que “Plutarco não registrou somente a história do indivíduo em suas biografias, havia em seu entorno uma sociedade que não foi ignorada por ele”⁵³ e que o autor não escrevera apenas biografias, mas um tipo de História.

Para a pesquisadora,

As diferentes interpretações sobre a obra plutarquiana contribuíram para ocultar um possível conteúdo histórico em suas biografias. Nos livros e artigos relacionados à historiografia antiga, essa desqualificação não se restringe a Plutarco, estendendo-se aos demais autores do período. Trata-se de uma corrente de

⁵¹ C. B. R. Pelling, “Plutarch and Thucydides”, In: P.A.Stadter, (ed.), *Plutarch and the Historical Tradition*. London/New York, Routledge, 1992, p.19

⁵² S.Swain, “Plutarch’s Lives of Cicero, Cato, and Brutus”, *Hermes*, 118,2,1990, pp.192-203

⁵³ SILVA, 2006 p. 57

pesquisadores que vê na retórica a finalidade de toda a obra produzida no mundo antigo.⁵⁴

Ainda de acordo com Silva⁵⁵, ao enxergarem na obra de Plutarco o propósito de divertimento de seus leitores e o seu caráter filosófico-pedagógico, os estudiosos não examinaram o conteúdo histórico presente nas biografias, preocupando-se em analisar a estrutura biográfica, o estilo retórico e as referências filosóficas presentes nas biografias.

Impende salientar também que poucos foram os estudiosos que tiveram por objetivo tecer uma análise sobre o interesse do autor de Queroneia pela política. Assim, o trabalho de Aalders contribui para as discussões sobre a importância da política para Plutarco. De acordo com o autor, Plutarco enxergava a atividade política como elemento importante para a vida humana, uma característica fundamental do modo de ser das pessoas civilizadas⁵⁶. Para o historiador holandês essa preocupação com a política é identificada nas escolhas de seus biografados que foram, quase que exclusivamente, grandes estadistas e generais⁵⁷.

Muito embora Aalders sublinhe a importância da atividade política dentro do pensamento do autor de Queroneia⁵⁸, ele nos adverte que, ao escrever as *Vitae*, seu objetivo era traçar perfis morais de seus biografados e oferecer aos leitores exemplos sobre os quais poderiam se espelhar.

Ao contrário dos tratados políticos, sua intenção nas “*Vitae*” não é guiar os seus leitores em direção à atitude política correta e ao modo

⁵⁴ *Ibidem* p.46

⁵⁵ *Ibidem* p.49

⁵⁶ AALDERS, G. J. D. *Plutarch's Political Thought*. Amsterdam, Oxford, New York: North-Holland Publishing Company, 1982 p.9

⁵⁷ AALDERS, loc. cit.

⁵⁸ Cidade da antiga Grécia localizada na região da Beócia.

político correto de atuar. Embora as “Vitae” sejam também cheias de ações e eventos políticos, elas não estão preocupadas com a política como tal. Afirmações e juízos feitos por Plutarco sobre a atividade política não estão ausentes das “Vitae”, mas eles não são mais que um subproduto da preocupação de Plutarco com a elevação moral de uma pessoa.⁵⁹

Em contrapartida ao pensamento de Aalders, Ziegler defende que Plutarco “pensava a atividade política como função principal da aristocracia e a tenta destacar tanto nas obras de *Moralia* quanto nas *Vidas*.”⁶⁰ Para a autora, os tratados de teor político, tais como: *sobre a necessidade de que o filósofo converse com o governante; a um governante sem instrução e preceitos políticos*, são indicativos de que a atividade política era o cerne de suas preocupações⁶¹.

A pesquisadora observa que o público leitor das obras de Plutarco também constitui-se em um indicativo da importância política em seu pensamento, uma vez que era em sua maioria composto “basicamente de homens, bem nascidos, que como o autor, concluíram seus estudos e estavam engajados nas atividades políticas e também militares de suas cidades.”⁶²

Como Ziegler, entendemos que a biografia de Catão, o jovem, tem uma finalidade política, uma vez que estabelece por meio da construção de sua imagem uma crítica a utilidade da filosofia estoica no exercício do poder em contraste com as qualidades de um bom governante. Lembramos que na época de Plutarco o estoicismo estava de tal forma ligado a política romana que o Imperador Nero teve como preceptor o filósofo estoico Sêneca.

⁵⁹ AALDERS, loc. cit.

⁶⁰ ZIEGLER, 2009 p.41

⁶¹ *Ibidem*, p.63

⁶² *Ibidem* p.67

Capítulo 2. O principado e a crítica ao estoicismo em Catão, o Jovem

2.1. A crise da República e o Principado Romano

As guerras de expansão do período republicano implicaram em muito mais do que a conquista de territórios além da Península Itálica. Ela significou também um aumento da influência e do poder de líderes militares.

Desta forma, em 88 a.C., Caio Mário, importante general romano, conseguiu ser nomeado comandante da expedição contra o rei Mitriades⁶³ mesmo sem a aprovação do senado, que tinha escolhido o então cônsul Lucio Cornélio Sula como líder da missão.

A atitude de Mário fez com que Sula e seu exército marchassem em direção a Roma e derrotassem seus opositores. Contudo, quando o general partiu para o oriente para cumprir a missão para a qual tinha sido designado, os aliados de Mário, liderados pelo cônsul Cina, entraram em conflito com os partidários de Sula, dando início a primeira guerra civil romana.

Após estabelecer um acordo de paz com Mitriades, Sula partiu em direção a Roma em 82 a.C. e pôs fim à guerra civil, assumindo o título de ditador⁶⁴.

Durante o período de ditadura Sula

empreendeu a tarefa de reorganizar a cidade. Devolveu ao Senado os antigos poderes, diminuiu os direitos dos tribunos, retirou dos

⁶³ Mitriades IV rei do Ponto. MACKAY, Christopher, S. El declive de la república romana: De la oligarquía al Imperio. Barcelona: Editorial planeta, 2011 p.249-251.

⁶⁴ Magistrado indicado pelos cônsules em período de emergência. Possuía plenos poderes e duração de mandato de seis meses. GLARE, P, G, W. *Oxford Latin dictionary*. London: Oxford University press, 1968, p.538

cavaleiros os privilégios financeiros, proibiu-os de figurar nos tribunais⁶⁵.

Em 79 a. C. ele abdicou do cargo de ditador. A primeira guerra civil romana teve como consequência não tão somente a devastação dos campos e o aumento da pobreza e da insegurança, mas provocou também o enfraquecimento das instituições republicanas.

O exemplo de Sula fortaleceu o poder político dos chefes militares que cada vez mais estendiam sua influência. De acordo com Grimal, a pobreza gerada pela guerra fez com que a população pobre alistasse-se nos exércitos, porém estes

estavam a serviço não mais de uma pátria, mas de um general que os pagava, e mesmo esse general não era mais um magistrado, designado pelo povo, devotado ao Senado.⁶⁶

A tensão política não terminou com a vitória de Sula. O regime republicano seguiu enfrentando revoltas como a conjuração de Catilina⁶⁷ e a revolta dos escravos⁶⁸.

Em 70 a. C., em reconhecimento por terem subjugado Espartáco e seus comandados dois chefes militares, Pompeu Magno e Marco Licínio Crasso foram eleitos cônsules.

O prestígio e a riqueza de Pompeu aumentaram quando, em 61 a.C., colocou fim as guerras mitridáticas⁶⁹, anexando ao processo a região da Síria e recapturando a cidade de Jerusalém na região da Judeia.

⁶⁵GRIMAL.P. *História de Roma*. São Paulo: Editora Unesp, 2011 p.101

⁶⁶*Ibidem* p.106

⁶⁷ Conjuração planejada pelo senador romano Catilina com o intuito de tomar o poder para si. *Ibidem* p.109

⁶⁸ Revolta de escravos do período republicano conhecida também como Terceira Guerra Servil ou Guerra dos Gladiadores.

⁶⁹ Conflitos entre a república romana e o reino do Ponto. Assim nomeados por cauda do rei Mitríades IV rei do Ponto. MACKAY, Christopher, S. El declive de la república romana: De la oligarquia al Imperio. Barcelona: Editorial planeta, 2011, p.249-251.

Quando retornou a Roma, Pompeu falhou na tentativa de fazer o Senado aprovar uma lei agrária que concedesse terras aos veteranos de seu exército. Como consequência aliou-se ao general romano Julio César, casou-se com sua filha e o ajudou a obter o cargo de cônsul em 59 a. C., junto com Marco Calpurnio Bíbulo (genro de Catão), que fora eleito com o intuito de frear as ambições de César.

Percebendo que precisaria do apoio do senado durante o seu consulado, César alia-se a Marco Licínio Crasso, que era considerado o homem mais rico de Roma na época e, junto com Pompeu, estabelece uma aliança informal que ficou conhecida como primeiro triunvirato.

Com o apoio de Pompeu e Crasso, César conseguiu a aprovação (de forma violenta) da lei *Iulia agraria* e da *Lex Vatinia*, que lhe concedeu o governo das províncias da Gália cisalpina e Ilírico.

No ano de 58 a. C. Julio César partiu para conquistar a Gália sem ter consultado o senado, o que o indispsôs ainda mais com a aristocracia senatorial.

Em 56 a. C. Pompeu e Crasso foram nomeados cônsules pela segunda vez e conseguiram, por meio da *Lex Pompeia Licínia*, estender o mandato de César na Gália por mais 5 anos, bem como garantir o domínio da Hispania para Pompeu e da Síria para Crasso por um período de tempo igual.

Contudo, a morte de Julia, esposa de Pompeu em 54 a. C., e de Crasso, no ano seguinte, mudaram a dinâmica da situação.

Em 52 a. C. Pompeu contraiu novo matrimônio com Cornélia Metela, filha de Metelo Cipião⁷⁰, estreitando seu laço com a facção conservadora do Senado e afastando-se de César. Nesse mesmo ano foi eleito cônsul pela terceira vez.

⁷⁰ Político romano membro de uma das mais importantes famílias patrícias romanas. MACKAY, Christopher, S. El declive da la república romana: De la oligarquía al Imperio. Barcelona: Editorial planeta, 2011

Dois anos depois o senado decretou que Pompeu e César deveriam enviar cada um uma legião para a Síria, onde ocorriam conflitos com os partos. Pompeu decidiu enviar a legião que havia emprestado a César para a campanha deste na Gália.

Percebendo que não tinha força no senado, César conseguiu fazerem-se eleger dois de seus partidários a tribuno com o intuito de que eles vetassem qualquer lei que pudesse prejudicar seus interesses.

A tensão entre a facção de senadores conservadores, liderados por Catão e que tinha Pompeu por aliado, e os partidários de César crescia cada vez mais.

Em 49 a. C. o senado votou a favor da proposta de Cipião (sogro de Pompeu) de dissolver o exército de César na Gália, contudo os tribunos, Marco Antônio e Quinto Cassio Longino, vetaram a proposta.

No dia seguinte o senado aprovou um *Senatus Consultum Ultimum*⁷¹ alegando que a república estava ameaçada. Os tribunos de César fugiram da cidade, embora não tenha ocorrido nenhuma ação determinada contra eles.

Desta forma, Lucio Domicio Ahenobarbo (genro de Catão) foi nomeado para substituir César na Gália e as condições para a segunda guerra civil romana estavam preparadas.

César, alegando agir em defesa dos direitos dos tribunos, cruzou com suas tropas o rio Rubicão, que fazia parte da fronteira da Itália com a Gália e começou a avançar em direção a Roma.

Pompeu e seus partidários, diante da impossibilidade de combater as tropas inimigas na Península Itálica, fugiram para a região da Grécia e da Hispânia, estendendo a guerra até elas.

⁷¹ Decisão tomada oficialmente pelo senado cuja a responsabilidade nenhum senador queria assumir. GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1999, p.166

Em 9 de agosto de 48 a. C. as tropas de César e as tropas republicanas lideradas por Pompeu enfrentaram-se na batalha de Farsália⁷². Derrotado, Pompeu fugiu para o Egito, onde foi assassinado ao desembarcar, por ordens do Faraó Ptolomeu XIII.

A guerra civil só teve fim no ano de 45 a. C., quando as últimas tropas, lideradas pelo filho de Pompeu, Cneo Pompeu, foram derrotadas na Hispânia.

Ao regressar a Roma, César tornou-se ditador e estendeu o prazo de governo dessa magistratura por dez anos. Obteve também o direito de designar homens para que fossem eleitos magistrados pelo povo e o direito de ser o primeiro a discursar em todos os debates senatoriais.

No mesmo ano, o tribuno Lucio Antônio conseguiu aprovar uma lei que dava a César o direito de nomear a metade de todos os magistrados abaixo do consulado.

Em 44 a. C., César converteu-se em ditador permanente e, um mês depois, foi assassinado por uma conspiração de senadores que tentavam salvar a instituição republicana. Entre eles estava Marco Júnio Bruto, sobrinho de Catão, sendo que este havia suicidado-se dois anos antes.

O assassinato de César culminou em mais duas guerras civis que tiveram fim com a proclamação de Otaviano (sobrinho-neto de Julio César) como *Princeps*, dando início a instauração do regime imperial e o período do principado.

Otaviano, o primeiro imperador, obtivera unificação política por meio de reformas que tinham como objetivo conter as guerras civis. Ao seu governo são creditadas as medidas políticas que denominamos de *pax romana*, dentre elas a política do *panis et circensis* (distribuição de trigo e oferecimento de jogos para a plebe urbana empobrecida). Ele também distribuiu lotes de terras aos soldados,

⁷² Batalha travada entre os exércitos republicanos liderados por Pompeu Magno e os exércitos de Julio César no ano de 48 a. C

consolidando seu poder sobre o exército e garantindo assim a sua fidelidade ao poder imperial.

Embora Alföldy⁷³ sublinhe que a transição do regime político da República para o do Principado não tenha provocado mudanças significativas em suas relações sociais a ponto de gerar uma alteração na estrutura social vigente, duas alterações foram fundamentais para a manutenção do regime imperial: a implantação da monarquia imperial e a integração das províncias e de seus habitantes no Estado e na ordem social romana.

A integração das províncias, aliada a sua urbanização, bem como a de outros territórios já conquistados, gerou um grande desenvolvimento dentro da Península Itálica e fora dela, provocando um surto de desenvolvimento econômico durante os primeiros tempos do Império.

O Principado representou uma nova estrutura política que respondia a uma nova situação, o processo de conquista significou não somente a expansão territorial com a difusão do trabalho escravo e da grande propriedade, mas também a extensão da cidadania fora de Roma. A partir do século I a. C. os habitantes do mundo romano estavam unidos por este laço jurídico concedido pela *indulgentia* do imperador.

Deste modo, a cidadania romana apresentava-se como uma condição social e, quando associada à fortuna pessoal e ao favor imperial, permitia a ascensão na carreira pública - *cursus honorum* -, por meio da integração na ordem senatorial ou na ordem equestre.

⁷³ ALFÖLDY, GÉZA. *História social de Roma*. Lisboa: Presença, 198, p.111

A ampla extensão da cidadania possibilitou a manutenção e o reforço da unidade do Império, bem como provocou mudanças nas formas de acesso à carreira das honras com a intervenção direta do imperador na vida política.

A instauração do regime imperial permitiu que membros da aristocracia provincial, uma vez adquirida a cidadania romana, pudessem participar ativamente da política do Império, fosse por graça do imperador, por serviços no exército ou na administração municipal. Ademais, para os habitantes das províncias que foram afetadas pelas guerras civis, o advento do Principado significou um período de paz e segurança.

A inclusão do *homo novus* dentro do *cursus honorum* mostrou-se de acordo com Ziegler “bastante frutífera, pois Roma dependia dos recursos financeiros que vinham das províncias, ao mesmo tempo em que estas precisavam da segurança que o Império proporcionava”.⁷⁴

Plutarco foi um dos beneficiados por essas mudanças provocadas pelo regime imperial. Membro da aristocracia de sua província, tornou-se cidadão romano graças aos favores imperiais e participou da política romana exercendo altos postos políticos. O autor beócio integrou-se bem a sociedade romana, travando relações com romanos influentes, tais como Sosius Senécio, que fora cônsul em 99 d. C. e 103 d. C. sob o principado de Trajano, e a quem dedicou sua obra *Vidas Paralelas*.

Para Flacelière⁷⁵, Plutarco possuía uma visão favorável sobre o domínio romano. De acordo com o pesquisador, em alguns dos tratados do escritor beócio está presente a ideia de que a *pax romana* foi uma benção para a civilização helênica, uma vez que pôs fim as guerras travadas entre as cidades-Estado gregas.

⁷⁴ ZIEGLER, 2009, p.44

⁷⁵ FLACELIÈRE, R. IRIGON, 1987, p. XVII

Para Ziegler essa atitude positiva em relação aos romanos deve-se ao fato de que:

Plutarco, apesar de se ver como grego, pelo sentimento de pertencer à Grécia por nascimento e pela língua, ele também via-se como parte integrante do Império Romano. Portanto, Plutarco não olhava Roma de fora, mas como habitante do império, uma vez que a segurança das províncias dependia exclusivamente de sua saúde. Atitude provavelmente atribuída ao temor de uma nova guerra civil⁷⁶.

A autora sublinha que, apesar do escritor grego aceitar o domínio romano, isso não significava que fosse complacente com ele, mas sim realista, pois temia que a resistência dos dominados pudesse provocar uma intervenção dos romanos, “e essa intervenção devia ser evitada.”⁷⁷

Desta forma, se para o Principado a ampliação da cidadania romana significou o aumento de seus recursos financeiros, para as aristocracias provinciais ela ajudou a estabelecer, por meio da participação política de seus membros nos negócios imperiais, uma relação de amizade recíproca. No entendimento de Plutarco, deveria ser preservada com a intenção de manter o estado de paz e a participação política das elites provinciais.

No campo da filosofia, a corrente estoica manteve-se como força filosófica atuante pelo menos durante os dois primeiros séculos de nossa era⁷⁸, exercendo influência também na vida política romana.

Na qualidade de movimento filosófico dominante no período [séc. I e II d. C.], o estoicismo esteve fortemente incrustado na cultura greco-

⁷⁶ ZIEGLER, 2009 p.60

⁷⁷ Ibidem p.86

⁷⁸ GILL. C. *A Escola no período imperial romano*. In:_. Inwood, Brad (org). Os estoicos.Trad. Paulo Fernando Tadeu Ferreira e Raul Filker. São Paulo:Odysseus, 2006, p. 35

romana e, em certa medida, também em sua vida política, de modo que o ideal de viver uma vida propriamente estoica continuou poderoso⁷⁹.

O fato do primeiro *Princeps*, Augusto, ter atribuído a dois filósofos do pórtico, Atenodoro de Tarso⁸⁰ e Ário Dídimos⁸¹, a função de conselheiro moral, ilustra bem o quão proeminente era a doutrina estoica no âmbito político do início do principado romano⁸².

Jean-Marie André⁸³ ressalta que durante o principado do Imperador Claudio o idealismo estoico serviu de alicerce para um partido senatorial de oposição ao imperador, que fora revigorado pela ideia de “perseverança a serviço de um ideal ultrapassado”⁸⁴ encarnado na figura de Catão retratada na *Farsália* de Lucano.

Profundamente inserido no tecido sociológico romano, este partido é apresentado pela corte como uma seita; pelos casamentos acordados e as relações sociais, o partido estoico constitui um meio fortemente estruturado⁸⁵.

Sob o governo do Imperador Nero, a função de conselheiro moral foi exercida pelo filósofo estoico Sêneca, que exerceu também o cargo de preceptor do então Imperador.

Com a dinastia dos Antoninos, em especial durante os principados de Trajano e Adriano, a vida literária e intelectual romana floresceu, propiciando certo

⁷⁹ GILL, loc. cit.

⁸⁰ Trata-se do mesmo filósofo amigo de Catão, o Jovem. Ver nota 13 deste trabalho.

⁸¹ Filósofo estoico do século I a. C.

⁸² SEDLEY, D. *A Escola, de Zenon a Ário Dídimos*. In: . Inwood, Brad (org). Os estoicos. Trad. Paulo Fernando Tadeu Ferreira e Raul Filker. São Paulo: Odysseus, 2006, p. 32

⁸³ ANDRÉ, J. -M. *Les écoles philosophiques aux premiers siècles de l'empire*. ANRW. Berlin/New York, II, 36.1 p.22-3, 1992.

⁸⁴ l'opiniâtreté au service d'un idéal perime. ANDRÉ, 1992 p.23

⁸⁵ Profondément inséré dans le tissu sociologique romain, ce parti est présenté par la cour comme une secte; par le jeu de mariages et des relations sociales, le parti stoicien constitue un milieu puissamment structuré. ANDRÉ, loc. cit

pluralismo filosófico que beneficiou várias correntes de pensamento, dentre elas a platônica, que influenciou o pensamento de Plutarco.

Mesmo com o pluralismo filosófico, o estoicismo continuou atuante na vida política romana, tendo galgado o seu ápice com a proclamação do estoico Marco Aurélio como Imperador.

Plutarco é fruto desse contexto no qual a filosofia estoica está fortemente relacionada ao exercício do poder e, por isso, teceu diversas críticas à doutrina do pórtico apontando as suas incoerências e questionando sua utilidade política.

2.2. Plutarco e o estoicismo

Dos inúmeros tratados escritos por Plutarco, alguns foram dedicados a doutrina filosófica estoica: *Que os estoicos dizem coisas mais extravagantes que os poetas* (*Compendium argumenti Stoicos absurdiora poetis dicere*), *As contradições dos estoicos* (*De Stoicorum repugnantis*) e *Das concepções comuns entre os estoicos* (*De communibus notitiis adversus Stoicos*).

Nesses tratados Plutarco tece críticas à filosofia estoica, bem como à postura de seus seguidores. Essas críticas também estão presentes em várias passagens da biografia de Catão, o jovem, que fora seguidor da filosofia do pórtico.

A corrente filosófica estoica surgiu na *pólis* de Atenas por volta do ano 301 a.C. e teve como fundador Zenão de Cítio (336-264 a.C.). Contudo, é na Roma dos imperadores, mais precisamente durante os dois primeiros séculos da era atual, que o estoicismo florescera.

A filosofia do Pórtico, assim chamada em referência ao local no qual Zenão, seu fundador, começou a ensinar a sua filosofia, tem como característica uma ética política e moral traduzida na máxima *vivere naturae* que, literalmente, significa viver de acordo com a natureza.

Para os estoicos a natureza era identificada com a razão universal criadora e organizadora do mundo (*logos*) que se manifesta no homem sob a forma da razão humana. Desta forma, *vivere naturae* significa viver pautado pela razão. Razão essa que dentro do pensamento estoico é o mesmo que a virtude (*virtus*).

Além da premissa máxima de viver de acordo com a natureza há, dentro da corrente estoica, outros pontos importantes para a compreensão de sua filosofia aos quais se faz necessário uma breve apresentação. O primeiro desses pontos diz respeito as paixões.

As paixões, definidas pelo pórtico como movimentos irracionais da alma, foram comparadas às doenças, que em vez de danificarem o corpo físico, danificavam e enfraqueciam o espírito.

Para os estoicos não só os sentimentos maléficos e nocivos como a inveja, o ciúme e ódio eram entendidos como paixões, mas todos os sentimentos que tem sua origem no irracional.

Assim, sentimentos que julgamos benéficos como a piedade, a esperança e o amor também se constituíam para os estoicos em paixões. A piedade porque faz com que nos condoamos com a dor e o sofrimento alheios, portanto, uma dor irracional, uma vez que não a sofremos de fato, a esperança, pois projetamos e ansiamos por algo que ainda não ocorreu, e o amor entendido como o desejo de captarmos a atenção e o carinho de outrem.

Logo, se as paixões, no entendimento estoico, eram movimentos irracionais e viver de acordo com a natureza significava viver de acordo com a razão, fazia-se necessário suprimi-las para alcançar-se a verdadeira sabedoria e chegar próximo ao soberano bem acessível aos sábios.

De acordo com Jean Brun “o sábio é quem vive segundo a natureza, isto é, segundo a razão; por consequência, é isento de paixão, sem orgulho sincero e piedoso.”⁸⁶

Por ser isento de paixão (apático), o ideal de sapiens da filosofia estoica caracteriza-se por ser inabalável. O sábio contenta-se consigo mesmo, não é escravo da fortuna, não teme a dor, os sofrimentos, nem mesmo a morte, age de forma reta e ética, não importando as circunstâncias e as consequências de seus atos.

Ademais, o sábio não deveria isolar-se e viver isolado da comunidade, voltado para si e para as suas reflexões, pelo contrário, era seu dever viver *pela e para a comunidade*, aplicando na prática os ensinamentos da Stoá, os difundindo e buscando sempre o bem comum.

Os estoicos denominavam-se cidadãos do mundo e enxergavam todos os homens como iguais, uma vez que toda a espécie humana é comum à inteligência e à razão, para eles pouco importava se esse era escravo ou estrangeiro, todos são membros de uma mesma comunidade política: o mundo.

Sêneca, em uma de suas cartas endereçadas ao seu amigo Lucílio, resume em algumas palavras a visão estoica da relação de fraternidade entre os homens:

⁸⁶ BRUN, J. O Estoicismo. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 85

Mas para que hei-de eu enumerar todos os atos que devemos ou não praticar quando posso numa só frase resumir todos os nossos deveres para com os outros? Tudo quanto vês, este espaço em que se contém o divino e o humano, é uno, e nós não somos senão os membros de um vasto corpo. A natureza gerou-nos como uma só família, pois nos criou da mesma matéria e nos dará o mesmo destino; a natureza faz-nos sentir amor uns pelos outros, e aponta-nos a vida em sociedade. A natureza determinou tudo quanto é lícito e justo; pela própria lei da natureza, é mais terrível fazer o mal do que sofrê-lo; em obediência a natureza, as nossas mãos devem estar prontas a auxiliar quem delas necessite. (*Carta 55, 53*)⁸⁷

Por ter como máxima o viver pela comunidade, a moral do pórtico possuía uma orientação centrada na atividade política. Por isso instruía seus seguidores a engajar-se nela, se não por meio do exercício político, ensinando e formando dentro dos ideais estoicos aqueles que tinham o poder para governar. Foi neste sentido que Sêneca tornou-se preceptor do imperador Nero.

Plutarco também entendia que o ingresso na vida política deveria ser feito objetivando o bem comum e não o interesse financeiro, a fama ou por não se ter uma atividade a qual dedicar-se, pois os que assim o fazem,

desprestigiam o exercício da política com seu arrependimento e seu enfado quando, iludidos com sua popularidade, caem na impopularidade, ou, confiando a causa de seu poder em inspirar medo aos outros se veem envolvidos em assuntos cheios de perigos e em trapalhadas. (PRAEC.GER. 798d-)⁸⁸

⁸⁷ SENECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

⁸⁸ [...] desprestigian el ejercicio de la política con su arrepentimiento y su enfado cuando, ilusionados con la popularidad, caen en la impopularidad, o, confiados en inspirar miedo a otros a causa de su poder, se ven involucrados en asuntos plagados de peligros y en líos.

Essa ideia é explicitada na biografia de Catão em dois momentos. No primeiro, o autor, para salientar as motivações políticas de seu biografado, afirma

Na verdade, não foi por desejo de glória nem por ganância nem impensadamente e por acaso, como alguns outros, que entrou na política, mas por escolhê-la como ocupação própria de um bom cidadão, pensava que devia atender aos assuntos públicos mais do que a abelha a colmeia. (Vida de Catão, o Jovem 19.3) ⁸⁹

No segundo, ela é reforçada quando, após ter recebido os agradecimentos de Cícero por ter feito fugir da cidade, Clódio⁹⁰, que havia caluniado sacerdotes, sacerdotisas e sua cunhada, Catão responde “que devia dar graças a cidade porque era por ela que realizava toda a sua atividade política.”⁹¹

Contudo, se Plutarco e a corrente estoica possuíam ideias parecidas em relação ao propósito da vida política, essas divergiam no tocante a postura do governante.

Diferente do pörtico, o autor de Queroneia acreditava que o líder político deveria pautar suas atitudes buscando o caminho da moderação levando em conta as circunstâncias, bem como a natureza humana⁹².

De fato, tentar de imediato modelar o caráter e corrigir a natureza do povo não é coisa fácil nem segura, e ainda requer muito tempo e grande autoridade. Bem como um vinho que, inicialmente, é dominado pelos costumes daquele que o bebe, mas aos poucos, enquanto vai se aquecendo e se mesclando com ele, molda o caráter

⁸⁹ De hecho, no fue por deseo de gloria ni por codicia ni casualmente y por azar, como algunos otros, por lo que entró en la política, sino que tras escogerla como ocupación propia de un buen ciudadano, pensaba que debía atender a los asuntos públicos más que la abeja el panal.

⁹⁰ P. Clódio Pulcro, político romano do final da república adversário de Cícero.

⁹¹ Que debía dárselas a la ciudad porque por ella realizaba toda su actividad política. (Vida de Catão, o jovem 19 5-6)

⁹² AALDERS, 1982, p. 49

do bebedor e o modifica, do mesmo modo o político, até que se procure uma forte influência derivada de seu prestígio e aceitação, deve adaptar-se às características que encontra e as ter em conta, conhecendo com quais coisas o povo, por sua natureza, alegra-se, e por quais deixa-se conduzir. (PRAEC. GER. 799b-c) ⁹³

Para ele o ideal de *sapiens* proposto pelos estoicos era impossível de alcançar, uma vez que era contrário ao homem, pois não existe pessoa capaz de ser perfeitamente boa ou perfeitamente má.

O autor beócio entendia a virtude moral como um ponto entre dois extremos, em outras palavras, a virtude encontrava-se no balanceamento entre as qualidades boas e as qualidades más.

Desse modo, as paixões deveriam ser dominadas, contidas e submetidas a razão, mas não deveriam ser, de forma alguma, destruídas, pois eram parte integrante do homem e era por meio delas que se poderia alcançar a virtude. Por conseguinte, como salienta Flacelière, Plutarco expressa seu ponto de vista

apontando que não é conveniente obstinar-nos a destruir todas as paixões em nós, porque elas são indispensáveis ao desenvolvimento moral do homem. A famosa *apatia* é então uma quimera funesta⁹⁴.

Plutarco critica assim a premissa mais importante dentro do pensamento filosófico estoico; a apatia, para ele, não só é impossível de ser alcançada como também não é desejável.

⁹³ De hecho, intentar de inmediato modelar el carácter y corregir la naturaleza del pueblo no es cosa fácil ni segura, y además requiere mucho tiempo y gran autoridad. Lo mismo que un vino, al principio, es dominado por las costumbres del bebedor, pero paulatinamente, al tiempo que lo va caldeando y mezclándose con él, moldea el carácter del bebedor y lo modifica, del mismo modo el político, hasta que se procure una fuerte influencia derivada de su prestigio y aceptación, debe adaptarse a las características que se encuentra y tenerlas en cuenta, conociendo con qué cosas el pueblo, por su naturaleza, se alegra, y por cuáles se deja conducir.

⁹⁴ Il conclut en opinant qu'il ne convient pas de nous acharner à détruire en nous toutes les passions, car celles-ci sont indispensable au développement moral de l'homme. La fameuse *apatie* est donc une chimère funeste. FLACELIÈRE, 1987, p. XCIII

A impossibilidade de chegar ao estado de apatia proposto pelo estoicismo é demonstrada também em Catão. Embora o senador romano seja descrito como rígido e intransigente em sua conduta, em alguns momentos ele deixa-se levar pelos seus sentimentos, como quando confrontado com a morte de seu irmão Cepión.

[Catão] deu a impressão de superar o infortúnio com uma atitude mais sentimental do que própria de um filósofo, não só pelo pranto, os abraços ao cadáver e o profundo pesar, mas também pelo gasto e os afazeres do funeral, pois queimaram com o cadáver perfumes e vestimentas luxuosas e fez-se construir na praça de Eno um monumento funerário de mármore lavrado em Thassos que custou oito talentos. (Vida de Catão, o Jovem 11.3)⁹⁵

A demonstração da dor profunda de Catão diante da perda de um ente querido não é para o autor algo que desmereça sua virtude. O magistrado romano, mesmo em sua dor, se mantém íntegro e comporta-se de forma reta e digna ao recusar, de príncipes e cidades, dinheiro em honra do falecido, apenas aceitando perfumes e adornos, porém pagando o seu devido preço a quem os tinha ofertado.⁹⁶

O beócio inclusive defende o comportamento de seu biografado ao escrever:

Alguns condenaram esta conduta de Catão pelo contraste com sua simplicidade em todas as outras coisas, sem perceber quanta ternura e quanto carinho se incluíam em sua inflexibilidade e firmeza frente

⁹⁵ Dio la impresión de sobrellevar la desgracia con una actitud más sentimental que propia de un filósofo; no solo por los llantos, los abrazos al cadáver y el hondo pesar, sino también por el gasto y los quehaceres del funeral, pues se quemaron con el cadáver perfumes y lujosas vestiduras e hizo construir en la plaza de Eno un monumento funerario de mármol labrado de Tasos que costó ocho talentos.

⁹⁶ Vida de Catão, o Jovem 11.5

aos prazeres, aos temores e aos pedidos desavergonhados. (Vida de Catão, o Jovem 11.4)⁹⁷

A crítica, portanto, não é ao comportamento exagerado do político romano, pois, como afirma Swain⁹⁸, o luto excessivo é uma paixão tal que Plutarco não a condena, mas é endereçada a certeza estoica de que as paixões poderiam ser extintas. Desta forma, o comportamento dramático do senador estoico serve como exemplo de que o ideal de apatia do pórtico é impraticável, uma vez que nem o mais virtuoso deles foi capaz de atingi-lo.

A oposição ao estoicismo também é verificada quando examinamos a origem da virtude de seu biografado. O autor as apresenta como inatas e não tutoradas e, para reforçar essas características, sublinha a dificuldade que o magistrado tinha para aprender, o descrevendo como atrasado, lerdo e obstinado⁹⁹. Plutarco demonstra, assim, que a educação pouco influenciou na formação do caráter de Catão.

A infância do senador romano está repleta de passagens em que este dá mostras do caráter impassível pelo qual ficou conhecido quando adulto. Em uma delas, ao ser ameaçado (sem saber que era por brincadeira) de ser atirado pela janela por um amigo de seu tio, permanece inabalado e impávido, mesmo estando com quatro anos de idade¹⁰⁰. Em outra, a sua personalidade justa aparece quando, em seu aniversário, para libertar um menino que tinha sido trancado em um quarto por outros mais velhos, os enfrenta e o tira de lá.¹⁰¹

⁹⁷ Algunos condenaron esta conducta de Catón por contraste con su sencillez en todo lo demás, sin percibir cuánta ternura y cuánto cariño se incluían en su inflexibilidad y firmeza frente a los placeres, los temores y las peticiones desvergonzadas.

⁹⁸ SWAIN, Simon. Plutarch's lives of Cicero, Cato, and Brutus. *Hermes*, Stuttgart, Band 118, Heft 2, p. 198, 1990.

⁹⁹ Vida de Catão, o Jovem 1.6-7

¹⁰⁰ Vida de Catão, o Jovem 2.1-5

¹⁰¹ Vida de Catão, o Jovem 2.6-8

Ao relatar essas anedotas, o autor beócio evita atribuir as virtudes de Catão a uma influência estoica e as expõem como inerentes ao magistrado.

Conta-se que Catão desde a mais terna infância, revelava na voz, no semblante e nos jogos, um caráter inflexível, impassível e firme em todo momento. Com efeito, mostrava uma determinação superior a sua idade para levar a cabo seus propósitos e, rude e brusco com quem o adulava, era ainda mais enérgico com quem tentava aterrorizá-lo. Não era em absoluto disposto ao riso - inclusive poucas vezes se desenhava em seu rosto - e não era propenso a cólera, mas uma vez irritado, era inexorável. (Vida de Catão, o Jovem 1.3-5)¹⁰²

Porém, se as virtudes do senador romano não possuíam relação com sua formação estoica, o mesmo não ocorre com os seus equívocos políticos, que são constantemente relacionados a sua influência filosófica.

A grande crítica do autor contra o estoicismo reflete-se na inabilidade de Catão de lidar com o jogo político do final da República, por perseguir “o tipo de bem que é rígido no referente a justiça e não cede a indulgência e ao favor.”¹⁰³

Para Plutarco o governante que se mostra

demasiado restrito e rigoroso no todo e não realiza nenhuma concessão nem transige em nada, mas que é sempre brusco e inexorável, acostuma o povo a apresentar-lhe oposição e obstinada resistência. (PRAEC. GER. 818b)

¹⁰² Se cuenta que Catón desde su más tierna infancia, en la voz, en el semblante y en los juegos revelaba un carácter inflexible, impassible y firme en todo momento. En efecto, mostraba una determinación para llevar a cabo sus propósitos superior a su edad y, rudo y brusco con quienes lo adulaban, era aún más enérgico con quienes intentaban atemorizarlo. No era en absoluto presto a la risa- incluso la sonrisa muy pocas veces se dibujaba en su rostro —y no era pronto ni propenso a la cólera pero, una vez irritado, era inexorable.

¹⁰³ el tipo de bien que es rígido en lo referente a la justicia y no cede a la indulgencia o al favor. (Vida de Catão, o Jovem 4.2)

Esse pensamento é exemplificado em uma passagem da biografia do magistrado romano quando, ao concorrer ao consulado, convence o senado a decretar que somente os candidatos cumprimentem e solicitem votos de seus eleitores:

Com isso irritou ainda mais a população, porque, ao privá-la não só de receber uma remuneração, mas também de conceder um favor, deixava o povo sem recursos e sem honra. Ademais, ele não era persuasivo para solicitar o voto para si mesmo, preferia conservar a dignidade em seu modo de vida mais do que adquirir a do consulado e ia cumprimentar as pessoas sem permitir que seus partidários recorressem aos manejos com os quais ganha-se e lisonjeia-se a multidão; e por todos esses motivos não conseguiu o cargo.¹⁰⁴ (Vida de Catão, o Jovem 49.6)

A intransigência e a rigidez dos valores estoicos são constantemente reprovadas na *Vida* de Catão. A tal ponto que Plutarco as acusa de terem sido as causadoras do fim da república, tendo em vista que o magistrado romano recusou-se a estabelecer uma aliança com Pompeu por acreditar que esta mancharia sua virtude.

Mas se há que se julgar pelos acontecimentos, parece que Catão equivocou-se totalmente ao não haver aceitado tornar-se parente de Pompeu e ter deixado que este voltasse-se para César e contrair um matrimônio que, ao juntar de uma vez o poder de Pompeu e o de César, esteve a ponto de destruir o Estado romano e conseguiu acabar com a república. Talvez nada disso teria acontecido se Catão,

¹⁰⁴ Con ello irritó todavía más a la gente porque, al privarla no solo de recibir una remuneración, sino también de conceder un favor, dejaba al pueblo sin recursos y sin honor. Además él no era persuasivo para solicitar el voto para si mismo, preferia conservar la dignidad en su modo de vida más que adquirir la del consulado e iba saludar a la gente sin permitir que sus partidários recurrieram a los manejos con los que se gana y se halaga a la multitud; y por todos esos motivos no consiguió el cargo.

por temor aos pequenos delitos de Pompeu, não tivesse permitido que cometesse o maior de todos, unir sua força ao do outro [César].¹⁰⁵ (Vida de Catão, o Jovem 30.9-10)

A postura estoica no tocante a virtude é, para o autor, um problema para o exercício político, pois implica negociações e trocas de favores, e o governante tem de estar apto a fazê-las se isso for levar ao bem comum. Catão, ao se preocupar com sua moral, não só deixa de evitar o colapso da república, como a precipita, fazendo com que Pompeu alie-se a César.

O suicídio do magistrado romano também é criticado por Plutarco. Os filósofos do pórtico entendiam a prática suicida como uma saída honrosa da vida e não a condenavam se o motivo fosse escapar de uma vida indigna. Sêneca escreve:

Ora, como tu bem sabes a vida não é um bem que se deve conservar a todo o custo: o que importa não é estar vivo, mas sim viver uma vida digna! Por isso mesmo, o sábio prolongará a sua vida enquanto *dever*, e não enquanto *puder*. Considerará sempre onde deve viver, com que companhias, como deve agir, que ações deve empreender. Deve ter no pensamento a qualidade da vida, não a sua duração. Se lhe deparam-se muitas situações graves, muitos obstáculos à sua tranquilidade, o sábio retirar-se-á! E não o fará apenas como último recurso, mas, assim que a fortuna começar a mostrar-se hostil para com ele, deverá meditar seriamente se não convém por de imediato termo à vida. (...) Morrer mais cedo, morrer mais tarde – é questão irrelevante; relevante é, sim, saber se morre-

¹⁰⁵ Pero si hay que juzgar por los acontecimientos, parece que Catón se equivocó del todo al no haber querido emparentar con Pompeyo y haber dejado que se volviera a César y contrajera un matrimonio que, al juntar en uno solo el poder de Pompeyo y el de César, estuvo a punto de destruir el Estado romano y consiguió acabar con la república. Tal vez nada de esto habría sucedido si Catón, por temor a los pequeños delitos de Pompeyo, no hubiera permitido que cometiera el mayor de todos, unir su fuerza a la de otro.

se com dignidade ou sem ela, pois morrer com dignidade significa escapar ao perigo de viver sem ela!¹⁰⁶ (*Carta*, 70,4-6).

Catão suicida-se, pois acreditava ignominioso viver sob o jugo de César, que tentava tomar o poder para si. Contudo, Plutarco classifica sua morte como desnecessária e mais uma vez critica as premissas estoicas.

Para o autor, o magistrado romano “se houvesse consentido em deixar sua salvação nas mãos de César não haveria rebaixado a sua fama tanto quanto haveria enaltecido a daquele.”¹⁰⁷

A *Vida* de Catão constitui-se em um exemplo de como o estoicismo pode ser perigoso quando atrelado ao poder. As posturas estoicas severas no tocante a virtude são responsáveis pela má interpretação do senador do jogo político, ao mesmo tempo em que despertam mais inimizades do que amizades com sua conduta virtuosa extremada.

Ainda que a princípio [Catão] parecesse sofrível e insuportável a alguns companheiros de magistratura, acabou agradando-lhes depois porque ele sozinho expunha-se por todos ao ódio produzido por sua negativa em fazer favores à custa do erário público e em adotar resoluções injustas, porque lhes proporcionava uma desculpa diante dos que pediam e pressionavam: - É impossível, Catão não quer.¹⁰⁸ (*Vida de Catão*, o Jovem 18.4)

¹⁰⁶ SENECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

¹⁰⁷ Si Catón hubiera consentido dejar su salvación en manos de César, parece que no habría rebajado su fama tanto como habría enaltecido la de aquél. *Vida de Catão*, o Jovem 72.3

¹⁰⁸ Aunque al principio les parecía insufrible e insoportable a algunos compañeros de magistratura, acabo agradándoles después porque él solo se exponía por todos a los odios producidos por su negativa a hacer favores a costa del erario público y a adoptar resoluciones injustas, y porque les proporcionaba una excusa ante los que rogaban y presionaban - Es imposible, Catón no quiere.

No entanto, Swain¹⁰⁹ observa que embora sua inclinação filosófica tenha feito com que o magistrado romano provocasse o fim do regime republicano e lhe dificultasse o exercício político, para Plutarco ele ainda constitui-se em um modelo de governante a ser seguido, uma vez que é o romano mais citado na *Moralia*, com exceção de Catão, o Velho.

As virtudes que fazem de Catão, o Jovem, um exemplo de estadista para o autor beócio e de que forma encontram-se representadas na figura do senador romano serão discutidas e analisadas no próximo capítulo.

¹⁰⁹ SWAIN, 1990, p.201

Capítulo 3. Plutarco e o bom governante

3.1 A *humanitas* e as virtudes romanas.

Com a expansão territorial e a anexação de diversas e variadas regiões aos seus domínios por volta do século III a. C., Roma entrou em contato com outras civilizações, em especial a helênica, da qual sofreu forte influência.

De acordo com Pierre Grimal, foi a partir de 146 a. C., com a queda da cidade grega de Corinto, que os contatos diretos entre a Grécia e Roma começaram a estreitar-se, provocando “uma verdadeira revolução espiritual”¹¹⁰ na vida cotidiana dos romanos.

Ainda de acordo com o historiador francês, essa “revolução espiritual” ocorreu devido à conquista de diversas cidades gregas, fazendo com que muitos gregos fossem levados a Roma como escravos. Mais tarde, outros tantos homens gregos livres imigraram para lá e se engajaram no comércio local e em outras atividades. Esse fato promoveu com o passar dos anos uma helenização do pensamento romano.

O conceito de *humanitas*, importante dentro do mundo romano, foi um dos modelos de conduta moral romana, que carregavam na sua origem a influência da civilização grega.

De acordo com Paul Veyne, a noção de *humanitas*¹¹¹ surgiu na Grécia do século IV a. C. sob o nome de *philantropia* e caracterizava “um homem que não era

¹¹⁰ GRIMAL, P. *La Vida En La Roma Antigua*. Madri:Espasa Libros S.L.U,2011 p.87

¹¹¹ VEYNE, P. *Humanitas:Romanos e Não Romanos* In:GIARDINA, A. (dir.). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.p.289

duro nem arrogante, que fazia mais do que o estritamente necessário ou que não exigia tudo o que lhe era devido.”¹¹²

Além da *philanthropia*, o espírito da *humanitas* englobava tudo aquilo que distinguia um homem civilizado do selvagem, a saber, a retórica, a filosofia, a oratória, a gramática, entre outras disciplinas.

Como resultado, ela era entendida mais como um mérito adquirido pela boa educação do que como uma característica comum e universal da humanidade, uma vez que nem todo homem é um ser civilizado¹¹³.

Todavia, se a *humanitas* podia ser adquirida por meio de uma boa instrução, essa não se restringia somente ao campo das boas maneiras e da argumentação¹¹⁴, ela também exercia efeitos moderadores.

Quatro eram os comportamentos que exprimiam esses efeitos moderadores dentro da *humanitas*: a amabilidade, a piedade, a brandura e a simplicidade.

Ainda de acordo com Paul Veyne, esses comportamentos podem ser resumidos em uma máxima: “ter um comportamento amigável com todos os homens, e não apenas com os amigos políticos.”¹¹⁵

É portanto o espírito da *humanitas* que proíbe que se seja excessivamente duro com os escravos e afirma que “não se deve fazer a guerra antes de terem-se esgotado as possibilidades de negociar”¹¹⁶; que as atitudes bélicas só devem ser adotadas quando causada por uma injustiça do inimigo.

É ainda de acordo com a *humanitas*, que se deveria poupar as cidades inimigas da destruição, salvo quando estas eram merecedoras de represálias e,

¹¹² *Ibidem* p.283

¹¹³ VEYNE, loc. cit.

¹¹⁴ *Ibidem* p.291

¹¹⁵ *Ibidem* p.290

¹¹⁶ *Ibidem* p.293

diante de sua rendição, ordenava que seus cidadãos fossem poupados e que somente os responsáveis devessem arcar com a punição.

Neste ponto é importante ressaltar que, muito embora a *humanitas* apregoasse uma moral baseada na amabilidade, piedade, brandura e simplicidade, isso não significava que atitudes destoantes dessa moral fossem vistas como injustas; “achava-se humano que um senhor fosse indulgente para com os seus escravos, mas não se achava injusto que não o fosse.”¹¹⁷

Ao incorporar o espírito da *humanitas*, Roma não renegou seus valores morais tradicionais mas, ao contrário, agregou-os a ele. *Virtus*, *pietas* e *fides*, ou seja, virtude, piedade (aos deuses, à família e aos vencidos) e fidelidade (aos negócios empenhados, aos amigos e à cidade) eram as principais virtudes da sociedade romana¹¹⁸ e regiam todos os aspectos da vida de um cidadão; eram elas que ditavam qual postura deveria ser tomada frente à sociedade, às instituições políticas e religiosas.

A moral romana, cuja finalidade era profundamente orientada para a submissão da pessoa, a cidadania é claramente refletida no *mos maiorum*¹¹⁹, cuja instituição primordial é a família.

A família romana tinha como figura principal o *pater familias* (o pai); é ele quem administrava as propriedades da família e possuía autoridade sobre os demais componentes da família, em outras palavras, esposa, filhos adotados ou não, escravos e libertos; todos eram e tinham o dever de serem submissos ao *pater familias*.

¹¹⁷ *Ibidem* p.300

¹¹⁸ GRIMAL, P. *La civilización romana: vida, costumbres, leyes, artes*. Buenos Aires: Paidós, 2008 p.92

¹¹⁹ Conjunto de regras não escritas fundadas na tradição que expressavam a moralidade aceita. GLARE, P, G, W. *Oxford Latin dictionary*. London: Oxford University press, 1968, p.1979.

Paul Veyne ilustra claramente o poder que o *pater familias* exercia quando menciona que:

Um menino permanecia sob a autoridade paterna e só tornava-se inteiramente romano, “pai de família”, após a morte do pai; ainda mais, este era seu juiz natural e podia condená-lo à morte por sentença privada. Ademais, a capacidade de testador era quase infinita e o pai podia deserdar os filhos. Consequência: um jovem dezoito anos e órfão institui a amante como herdeira enquanto um homem de idade madura não pode realizar nenhum ato jurídico com sua própria autoridade se ainda tem o pai vivo.¹²⁰

O poder do pai era tão grande que seu filho não poderia concluir contratos, elaborar seu próprio testamento e libertar escravos ou mesmo fazer carreira pública sem o consentimento do *pater*, isso porque era o chefe da família quem tomava conta do patrimônio e, portanto, a ele cabia decidir se arcaria ou não com os custos que eram inerentes ao *cursus honorum*.¹²¹

Era do *pater familias*, também, a responsabilidade de educar moralmente e formar cidadãos romanos valorosos; nota-se claramente que a instituição da família romana refletia a ordem social assegurada por suas virtudes, uma vez que sua estrutura era orientada para a submissão dos membros da família à figura do pai, assim como a moral romana exigia a submissão da pessoa à cidadania.

A *pietas*, uma das virtudes romanas abarcava não tão somente o sentido de piedade para com os outros, mas também o respeito à ordem estabelecida, bem como aos deuses. Era a *pietas* que determinava que um filho deveria obedecer ao

¹²⁰ VEYNE, Paul. *O Império Romano*. In: ARIES, P. e DUBY, G. (org) História da vida privada: Do Império Romano ao Ano Mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (História da vida privada, volume 1) p.40

¹²¹ *Ibidem* p.41

seu pai e respeitar a hierarquia natural, bem como que os ritos religiosos fossem exercidos de maneira diligente¹²².

Da mesma forma, a *fides* corrobora com a manutenção dos laços de cidadania que ligam os cidadãos romanos. A *fides* garante as relações entre os seres, o respeito aos compromissos, tratados e contratos e, principalmente, a solidariedade entre os membros da cidade¹²³.

De acordo com Myles McDonnell, inicialmente a virtude romana era identificada com os valores guerreiros de valentia e coragem¹²⁴, atributos relacionados às proezas bélicas e, portanto, ao masculino. Basta olharmos a raiz da palavra latina *virtus* e veremos que ela deriva de *vir*, cujo significado nada mais é que varão, homem¹²⁵.

Desta forma, para a sociedade romana, anterior a influência cultural grega, o ser virtuoso não era uma questão de ética e moral, mas sim uma qualidade essencialmente bélica, o homem romano virtuoso de então era aquele que demonstrava, por meio de feitos heroicos, valentia e coragem, ambas características bélicas.

Sob a influência cultural grega¹²⁶, Roma começou a adaptar e ampliar seus conceitos de moral, os aproximando mais ao campo da ética do que ao bélico.

Um exemplo destas adaptações é observado nos novos significados éticos incorporados as palavras latinas como *sapientia*, que antes era relacionada ao

¹²² GRIMAL, 2008 p.90

¹²³ *Ibidem* p.92

¹²⁴ MCDONNELL, M. *Roman Men and Greek Virtue* In: ROSEN, R. M. and SLUITER, I. (eds.). *Andria: studies in manliness and courage in classical antiquity*. Mnemosyne Suppl.238. Leiden: E.J.Brill, 2003 p.236

¹²⁵ GRIMAL, 2008 p.87

¹²⁶ As questões sobre a ética, na Grécia, ganharam proeminência a partir do século V a. C, quando a corrente sofística e socrática colocaram em voga as discussões sobre os valores morais. MCDONNELL, 2003 p.247

conhecimento prático e passa, depois, a ser identificada com uma sabedoria filosófica, um padrão ético e a um ideal cultural¹²⁷.

Da mesma forma, a palavra *virtus* abarca outros significados que estão além daqueles relacionados à valentia e à coragem e passa então a designar um padrão ético de conduta, uma disciplina moral.

Neste sentido, o Catão retratado por Plutarco encarna o novo significado atribuído a *virtus* como um homem de disciplina moral e de padrão de conduta ética rígido, em contraste com a antiga concepção romana relacionada aos feitos e proezas realizados nos campos de batalha, tendo sido reconhecido tanto pelos seus contemporâneos quanto pelas gerações romanas vindouras como epítome da virtude.

3.2 Plutarco e a formação do cidadão virtuoso.

A temática da virtude está bastante presente nas obras de Plutarco, tanto em seus tratados compilados na obra *Moralia* quanto em suas biografias.

*Sobre a fortuna ou a virtude de Alexandre*¹²⁸, *A virtude pode ser ensinada*¹²⁹, *Sobre a virtude moral*¹³⁰ e *Sobre a virtude e o vício*¹³¹ são alguns dos seus escritos que ilustram bem o quão presente esta questão estava no pensamento do autor beócio.

¹²⁷ *Ibidem* p.248

¹²⁸ De Alexandri magni fortuna aut virtute

¹²⁹ An virtus doceri possit

¹³⁰ De virtute morali

¹³¹ De virtute et vitio

De acordo com Flacelière a aquisição da virtude, bem como a sua prática configurava o objetivo primordial do moralista grego¹³²; objetivo este que, no seu entendimento, podia ser alcançado por meio da educação.

Dentro do pensamento plutarquiano a virtude está diretamente relacionada com a educação, uma vez que essa é a responsável não só pelo seu refinamento de um indivíduo, como também por apontar a conduta correta que este deve seguir perante a sociedade¹³³.

Essa relação entre virtude e educação é evidente no ensaio chamado *A virtude pode ser ensinada*. Nele é defendida a ideia de que a virtude pode e deve ser ensinada, bem como lapidada por meio da educação e da filosofia.

Desta forma tanto a prudência como a justiça e o bem viver podem ser apreendidos por meio de uma educação voltada para a construção do homem como homem e cidadão (*Paideia*¹³⁴).

Consoante com o pensamento expresso em *A República* de Platão, Plutarco entendia que quanto maior fosse a educação de um governante melhor seria sua administração e por isso atribuía à pedagogia um papel importante.

Influenciado pela corrente de pensamento platônico, o escritor grego acreditava que a alma era dividida em duas partes: uma de domínio da razão (racional) e outra de domínio das paixões (irracional), sendo que a primeira deveria reger o homem e sua parte irracional.

Ziegler salienta que

¹³² FLACELIÈRE, 1987 p.XCII

¹³³ ZIEGLER, 2009, p.73

¹³⁴ Originalmente a palavra *Paideia* foi cunhada para designar o tipo de ensino ministrado pelos sofistas, que englobava as disciplinas de política, matemática e arte retórica. Contudo, o desenvolvimento de uma teoria pedagógica, formulada por Sócrates e Platão no Século IV a. C, orientada para o benefício da *pólis* e de seus cidadãos, transformou o significado da *Paideia*, que passou a ser entendida como uma educação voltada para o aprimoramento do espírito por meio do estudo da música, da literatura, da retórica, da política, da filosofia e das ciências naturais. Ver SILVA, M.A.O. *Práticas de educação na antiguidade: Um olhar sobre a Paideia de Plutarco*, Revista Travessias, Cascavel, Vol 1, N° 1, 2007

A parte irracional ainda era dividida em outras duas partes, uma concupiscível e outra irascível, de acordo com o conceito platônico de divisão tripartida da alma. A concupiscência seria a parte irracional aliada somente aos desejos e às satisfações do corpo. O elemento irascível é a parte que reage emocionalmente ao senso de certo e de errado e no indivíduo que ainda não foi totalmente corrompido, segundo Plutarco, é o elemento que faz o homem reagir diante das ações que são realizadas contra sua razão provocando nele a censura e a reprovação.¹³⁵

Logo, o caráter (êthos) pertence à parte irracional da alma que é moldada pela razão,

que não deseja suprimir em absoluta a paixão, e sim impor um limite e uma ordem, e fazer nascer as virtudes morais (etike arete) que não são carência de paixão (apatheia), e sim proporção e meio termo das paixões. (DE VIRTUTE 443c)

Portanto, o caráter modifica-se de acordo com o costume (êthos) tanto para o bem quanto para o mal, tornando-se virtuoso se, por meio do hábito, for bem treinado, ou vicioso, quando mal instruindo pela razão. Em outras palavras, para Plutarco, o indivíduo que foi formado no meio dos vícios e prazeres tenderá em sua fase adulta a repetir esses vícios e erros.

Por isso, para o moralista grego, a educação revestia-se de importância, uma vez que era ela que possuía a função de instruir a razão, possibilitando o indivíduo a moderar suas paixões e evitando, assim, que ele se rendesse facilmente as faltas e vícios. E fazia-se ainda mais necessária quando o indivíduo a ser educado era o governante.

¹³⁵ ZIEGLER, 2009 p.74-5

No tratado *A um governante sem instrução (Ad principem ineruditum)*, Plutarco indaga: *quem governará o que governa?*¹³⁶

Para em seguida responder:

A “lei que reina sobre todos, mortais e imortais”, como disse Píndaro, que não está escrita no exterior nos livros nem em tábuas, mas é uma palavra com vida própria em seu interior, que sempre vive com ele, o vigia e jamais deixa sua alma desprovida de governo. O rei da Pérsia tinha um ajudante de câmara encarregado de entrar de madrugada para lhe dizer: “levanta, rei e te ocupe dos assuntos que o grande Orosmada¹³⁷ deseja que tu te ocupes”. No entanto, o governante bem instruído e sensato tem dentro de si a voz que assim lhe fala e lhe exorta¹³⁸. (AD PRINC. INER 780c-d)

O autor beócio ressalta, ainda no mesmo tratado, que comete um equívoco: o governante que acredita que o primeiro privilégio consiste em não ser governado, tendo em vista que aquele que não se autogoverna,

não é capaz de endireitar o que cai, nem de ensinar o ignorante, de impor ordem ao transgressor ou disciplina ao indisciplinado, nem de governar o que não se submete a um governo¹³⁹. (AD PRINC. INER. 780c-d)

¹³⁶ ¿Quién gobernará al que gobierna? Ad princ. iner. 780C

¹³⁷ O rei da Pérsia era representante de Ahura Mazda. Ver nota: PLUTARCO. Obras Morales y de costumbres (Moralia), vol X Introducciones, traducción y notas de Rosa Maria Aguillar. Madrid: Editorial Greedps, 1995 p. 200

¹³⁸ La “ley que reina sobre todo, mortales e inmortales”, como dijo Píndaro, que no está escrita en el exterior en libros ni en tablas, sino que es una palabra con vida propia en su interior, que siempre vive con él, lo vigila y jamás deja a su alma desprovista de gobierno. El rey de Persia tenía a uno de sus ayudas de cámara encargado de entrar al alba y decirle: “levanta, rey, y ocúpate de los asuntos de los que el gran Orosmada há querido que tú te ocupes”. Sin embargo, el soberano bien instruído y sensato tiene dentro de sí la voz que así le habla y le exhorta

¹³⁹ No es capaz de enderezar el que cae, ni de enseñar el ignorante, de imponer orden el que lo transgrede o disciplina el indisciplinado, ni de gobernat el que no somete a un gobierno.

O governante deve, então, antes de tudo autogovernar-se, estabelecer o seu caráter, endereçar a sua alma para depois moldar os seus súditos a ele, e isso só é possível alcançar por meio da instrução adequada.

De acordo com Ziegler¹⁴⁰, assim como Platão, Plutarco entendia que a educação deveria objetivar não só o aprimoramento intelectual e técnico, mas a formação global do indivíduo.

Para o escritor beócio, a educação era o bem mais precioso que alguém poderia possuir pois, adicionada ao treinamento apropriado, auxiliaria e guiaria o indivíduo em direção a virtude e a felicidade¹⁴¹. O nascimento em uma família nobre era garantia de acesso à educação e a um futuro político, mas se essas eram vantagens distribuídas pela fortuna e, como tal, independiam do desejo individual, as virtudes diferentemente poderiam ser alcançadas a partir do próprio esforço, mediante o ensino e o exercício diário delas¹⁴².

O autor creditava tal importância à temática da formação do cidadão que dedicou um tratado inteiro sobre este assunto (*Educação das crianças*¹⁴³). Neste tratado, Plutarco argumenta sobre a relevância da educação para o cidadão e aconselha seus leitores sobre a forma como esta deve ser feita, instruindo os pais a acompanharem de perto os progressos dos filhos, bem como a escolher seus preceptores, observando se estes estavam livres de escândalo, eram irrepreensíveis em suas maneiras e experientes, “pois receber uma educação apropriada é o princípio e a fonte de toda a bondade.”¹⁴⁴

¹⁴⁰ ZIEGLER, 2009 p.78

¹⁴¹ ZIEGLER, 2009 p.79

¹⁴² Lib.educ. 5c

¹⁴³ Liberis educandis

¹⁴⁴ ZIEGLER, 2009 p.80

Da mesma forma que os preceptores, os pais também deveriam ser retos em sua conduta, não se deixando serem flagrados pelos seus filhos, bêbados ou em companhia de cortesãs e concubinas¹⁴⁵.

Os exemplos, dentro do pensamento plutarquiano, consistiam em uma ferramenta de educação útil para a formação do cidadão, pois alertavam o indivíduo sobre os perigos que uma vida desregrada e não virtuosa podia acarretar, fornecendo modelos a serem seguidos ou evitados.

Plutarco, em seus tratados, recorre constantemente aos exemplos para orientar e educar os seus leitores, citando anedotas e passagens da vida de diversos personagens ilustres com o objetivo de fundamentar seus argumentos.

As próprias biografias elaboradas pelo autor configuram-se em exemplos de conduta a serem imitados ou reprovados conforme as atitudes de seus personagens os guiam para a glória ou para a ruína.

3.3 O exemplo de Catão, o Jovem

Plutarco entendia a educação como um instrumento de acesso a *virtus* e a relacionava com a capacidade de governar de forma justa. De acordo com Silva

Este pensamento plutarquiano assemelha-se ao exposto por Platão em sua *A República* 347 c-d, em que o filósofo afirma que a maior

¹⁴⁵ Lib.educ 5b

punição de uma cidade é ser governada por um homem sem valor, pois ela sofrerá grandes males dessa administração¹⁴⁶.

Neste sentido, a qualidade de um governo está diretamente ligada às qualidades morais do governante: se este for virtuoso, sua administração também será.

Para Aalders, se Plutarco relacionava um bom governo com um governante moralmente virtuoso é porque “para ele a política é uma parte da ética.”¹⁴⁷

Dentre as disciplinas necessárias para a boa formação do cidadão, a filosofia tinha para o autor beócio um papel proeminente.

A filosofia, para Plutarco, ajudaria no discernimento daquilo que era honrável daquilo que era vergonhoso, daquilo que era justo e injusto, em resumo, daquilo que se selecionaria e daquilo que se esquivaria¹⁴⁸.

A filosofia era responsável por incutir no estadista, virtudes que compunham um bom governante, tais como a justiça, a prudência e autodomínio, pois

se ela apodera-se de um governante, de um homem ativo interessado na política, e o reveste de nobreza e virtude, ajuda a muitos por meio de um só¹⁴⁹. (MAX. CUM. PRINC. 770 a)

Desta feita, para o autor, o filósofo deveria atuar como conselheiro do governante, instruindo-o no caminho da razão e da virtude.

¹⁴⁶ SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. Plutarco e Roma: o mundo grego no Império. São Paulo: USP, 2001. 231 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdades de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

¹⁴⁷ For him politic is a part of ethics. AALDERS, 1982 p. 10

¹⁴⁸ ZIEGLER, 2009 p.81

¹⁴⁹ Pero si se apodera de un gobernante, de un hombre activo en la política, y lo reviste de nobleza y virtud, ayuda a muchos a través de uno solo.

Assim, os filósofos que tratam com particulares fazem destes inofensivos, benignos e agradáveis para consigo mesmos, mas o que afasta a perversão de um governante dirige a sua vontade para o que é conveniente, em certo modo pratica a filosofia com fins públicos e corrige a autoridade que a tudo governa. [...] os filósofos que se relacionam com governantes os fazem mais justos, equilibrados e desejosos de fazer o bem¹⁵⁰. (MAX. CUM. PRINC. 778 e-f)

A relação entre filósofo e governante é demonstrada na Vida de Catão, o jovem, quando este

sabendo que Atenodóro, apelidado Cordilión, que era um grande conhecedor das doutrinas estoicas, encontrava-se em Pérgamo - já era ancião e havia recusado tangentemente todo o tipo de relação e amizades com governadores e reis - pensou que não conseguiria nada enviando mensageiros ou escrevendo, e, como lhe correspondia por lei uma permissão de dois meses, viajou por mar até a Ásia para visitá-lo, graças a suas boas qualidades, não fracassaria na caçada¹⁵¹. (Vida de Catão, o Jovem 10.2)

E quando logrou convencer o filósofo a ir com ele a Roma para ali ensiná-lo, Plutarco escreve que

¹⁵⁰ Así, los filósofos que tratan con particulares hacen a éstos inofensivos, benignos y agradables para consigo mismos, pero el que aparta la perversión de un gobernante y encamina su voluntad hacia lo conveniente em cierto modo hace filosofía con fines públicos y corrige la autoridad que a todo gobierna, [...] os filósofos que se relacionan con gobernantes, los hacen más justos, mesurados y desosos de hacer el bien.

¹⁵¹ Enterado de que Atenodoro apodado Cordilión, que era un gran conecedor de las doctrinas estoicas, se encontraba en Pérgamo- ya era anciano y había rechazado tajantemente todo o tipo de trato y amistad con gobernadores y reyes -, penso que no conseguiria nada enviándole mesajeros o escribiéndole, y, como le correspondia por ley un permiso de dos meses, viajó por mar hasta Asia para visitarlo confiando en que, gracias a sus buenas cualidades, no fracasaría en la cacería.

[Catão] regressou com ele [Atenodóro] ao acampamento, muito contente e ufano, como se houvesse feito uma conquista belíssima e mais brilhante que as de Pompeu e Lúculo que iam, então, em suas expedições submetendo povos e reinos com a força das armas¹⁵². (Vida de Catão, o Jovem 10.3)

O autor compara, assim, o feito de Catão aos grandes feitos militares, os igualando em glória às proezas de Pompeu e Lúculo em suas campanhas militares.

Apesar das críticas endereçadas a rigidez moral do pórtico presentes na biografia de Catão, algumas das qualidades que Plutarco considera importantes para um bom governante encontram-se retratadas na figura do senador romano.

A justiça, uma delas, é bem ilustrada em uma passagem na qual o biógrafo escreve que

Havia muitos a quem o célebre Sila havia pagado uma recompensa de doze mil dracmas por terem assassinados cidadãos proscritos. Todo mundo os odiava e os consideravam malditos e impuros, mas ninguém se atrevia a lhes dar castigo. Catão, no entanto, acusou cada um deles de porte ilegal de dinheiro público e os obrigou a devolvê-lo, ao mesmo tempo que jogava em suas caras, com indignação e eloquência, a impiedade e ilegalidade de sua conduta. A esta acusação seguiu imediatamente a de assassinato e, de alguma maneira condenados já de antemão, foram levados diante dos juízes e pagaram sua culpa, com conseqüente alegria de todos, pois tinham a impressão de que se anulava a tirania daquele tempo e de que viam castigado a Sila em pessoa¹⁵³. (Vida de Catão, o Jovem 17. 5-7)

¹⁵² Regresó con él al campamento, muy contento y ufano, como si hubiera hecho una conquista bellísima y másbrillante que las de Pompeyo y Lúculo, que iban entonces, en sus expediciones, sometiendo pueblos y reinos con la fuerza de las armas.

¹⁵³ Había muchos a quienes el célebre Sila había pagado, una recompensa de doce mil dracmas por Haber asesinado a ciudadanos proscritos. Todo el mundo los odiaba y los consideraba malditos e impuros, pero nadie se atrevia a castigarlos. Catón, sin embargo, emplazó a cada uno de ellos por tenencia ilegal de dinero público y los obligó a devolverlo al mismo tempo que les echaba en cara, com indignación y eloquencia, la impiedad e ilegalidad de su conduta. A esta acusación siguió

Uma outra anedota ressalta ainda mais o comportamento justo de Catão. Conforme relata Plutarco, o senador romano havia acusado outro magistrado de ter comprado votos para eleger-se cônsul. O acusado poderia nomear um vigia permanente para o seu acusador para que este lhe pusesse a par das provas reunidas contra ele. Contudo, quando o responsável por vigiar Catão viu que ele não agia de forma injusta, mas com nobreza, seguindo um caminho justo e honesto com sua acusação, sentiu uma admiração tão grande por ele que quando Catão lhe respondia que não ia ao fórum realizar qualquer atividade relacionada à acusação acreditava nele e, em vez de vigiá-lo, ia embora¹⁵⁴.

O moralista beócio considerava dever do estadista estabelecer a justiça, que para ele estava mais relacionada com as qualidades morais do governante do que com leis e instituições, uma vez que eram os estadistas os responsáveis pela criação e implementação destas¹⁵⁵.

Além de justo, o governante deveria ser humano e generoso não só para com os seus amigos, mas também para com os seus adversários políticos.

Neste sentido, o magistrado romano é mais uma vez o exemplo a ser seguido, pois, apesar de ser inflexível no senado quando lutava pela justiça, tratava a todos com amabilidade e consideração¹⁵⁶.

No tratado *Preceitos políticos*, a conduta humanitária de Catão, bem como de seu par biográfico Fócion é, novamente, descrita por Plutarco, que aconselha seus leitores a os imitarem.

inmediatamente la de asesinato y, de alguna manera condenados ya de antemano, fueron llevados ante los jueces y pagaron su culpa, con el consiguiente regocijo de todos, pues tenían la impresión de que se anulaba la tiranía de aquel tiempo y de que veían castigado a Sila em persona.

¹⁵⁴ Vida de Catão, o Jovem 21. 5-7

¹⁵⁵ AALDERS, 1982 p.45

¹⁵⁶ Vida de Catão, o Jovem 21.10

[Foción e Catão] não admitiam absolutamente nenhuma classe de ódio nos enfrentamentos políticos; eram rigorosos e inexoráveis nos debates públicos para não prejudicar o interesse comum, enquanto que nos assuntos privados tratavam todos os seus adversários políticos sem ressentimento e com humanidade¹⁵⁷.” (PRAEC.GER. 809.e)

Durante várias passagens da biografia do senador romano o comportamento humano deste para com seus adversários é salientado e, mesmo em guerra, Catão dá mostras de seu caráter humano, atitude que Veyne¹⁵⁸ denomina espírito da *humanitas* no comportamento bélico.

Assim, após reconciliar-se com Pompeu para combater César, que ameaçava a república romana, o magistrado convence o general e seus seguidores a não saquearem as cidades submetidas a eles e nem matar os adversários romanos que nelas estivessem¹⁵⁹. Em outro momento, Plutarco atribuí a salvação da cidade de Útica ao magistrado, quando esse logra em convencer Escipião a não massacrar os cidadãos uticenscis¹⁶⁰.

Contudo, é o propósito de orientar a prática política para o bem comum que consiste no traço mais marcante da figura de Catão. O magistrado constantemente afirma que a sua atividade política é voltada primordialmente para o bem da cidade¹⁶¹. Sob esta justificativa ele candidata-se ao tribunato e Plutarco afirma que ele assim o faz para frear a ambição de Pompeu e não para obter poder e prestígio com o cargo¹⁶². Ao perceber que a derrota para César era inevitável, Catão

¹⁵⁷ No admitían absolutamente ninguna clase de odio en los enfrentamientos políticos; eran rigorosos e inexorables en los debates públicos para no perjudicar el interes común, mientras que en los asuntos privados trataban a sus adversarios políticos sin resentimiento y com humanidad

¹⁵⁸ VEYNE, 1992 p.293

¹⁵⁹ Vida de Catão, o Jovem 53.6

¹⁶⁰ Vida de Catão, o Jovem 58.2

¹⁶¹ Vida de Catão, o Jovem 20.5; 32.8-10; 48.3-5

¹⁶² Vida de Catão, o Jovem 20. 4

preocupa-se primeiramente em assegurar a salvação de seus comandados para depois pensar em si e em sua salvação¹⁶³.

Sobre esta última anedota o escritor beócio escreve em um de seus tratados que

Catão em Útica ordenou por arauto que fizessem retornar por mar a todos que tinham sobrevivido à derrota e, depois de enviá-los e pedir por eles aos deuses para que fizessem boa travessia, voltando a sua casa matou-se com sua espada, ensinando assim por quais coisas deve sentir medo aquele que manda e quais coisas deve desdenhar¹⁶⁴. (AD PRINC. INER. 781 d)

A concórdia é outra virtude valorizada por Plutarco que aparece retratada na figura do magistrado estoico. Catão viveu em um contexto no qual os riscos de uma guerra civil eram eminentes. Muito embora não consentisse em realizar atos que pudessem manchar a sua virtude sob hipótese alguma, ele não deixava de esforçar-se para manter a paz e a tranquilidade em Roma.

Plutarco relata, tanto na biografia¹⁶⁵ quanto em um de seus tratados¹⁶⁶, que para impedir que a população pobre romana aliasse-se a César e provocasse uma guerra, Catão convence o senado a distribuir cereais e evita, deste modo, o perigo de um conflito armado dentro da cidade.

Lembramos que, no contexto em que o autor viveu, as cidades gregas já estavam sob domínio romano, mas permaneciam com uma certa autonomia, que para o beócio deveria ser preservada¹⁶⁷. Mediante essa situação, a virtude da concórdia tornava-se importante, pois garantia as boas relações entre as

¹⁶³ Vida de Catão, o Jovem 64.3-5

¹⁶⁴ Catón en Útica ordeno mediante Heraldos que hicieran regresar por mar a todos los que habían sobrevivido a la derrota, y tras embarcarlos y pedir por ellos a los dioses una buena travesía, volviendo a su casa se mato con su espada, enseñando así por qué cosas debe sentir miedo el que manda y qué cosas debe desdeñar.

¹⁶⁵ Vida de Catão, o Jovem 26.1

¹⁶⁶ Praec. ger. 818

¹⁶⁷ ZIEGLER, 2009 p.86

aristocracias gregas e romanas, evitando uma intervenção por parte de Roma que, além de pôr fim a paz e tranquilidade, poderia tirar dessas províncias a sua autonomia. Observamos, assim, que as reflexões de Plutarco sobre os conflitos armados internos aparecem refletidos não só em seus tratados políticos como na biografia do senador romano.

Para o escritor grego, o magistrado estoico é um exemplo a ser seguido porque apresenta, como expomos, qualidades que o beócio julga serem benéficas a um bom governante como a justiça, a humanidade, o interesse pelo bem comum acima do interesse pessoal, e a concórdia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Catão foi uma personagem marcante na história de Roma, sendo muito admirado por seu caráter e virtude, principalmente pelos representantes da filosofia estoica, da qual era seguidor.

Ao escrever sua biografia, Plutarco o apresenta como virtuoso, ressaltando as qualidades que dentro do seu pensamento faziam do senador romano um exemplo a ser imitado.

Desta forma, o Catão de Plutarco era um político, justo, humano cujo interesse político advinha da preocupação com o bem da cidade e seus cidadãos e não por objetivar honras e glórias pessoais. Era inexorável para combater seus adversários políticos, mas não alimentava ressentimentos ou procurava causar animosidades e esforçava-se para manter o espírito da concórdia, mesmo que não consentisse em manchar sua virtude em prol dela.

Todavia, se a biografia do magistrado romano apresenta-o como um homem virtuoso, ela também serve o propósito de criticar o emprego da filosofia estoica no exercício do poder. Lembramos que o estoicismo era a filosofia em voga na época em que Plutarco viveu e por isso as críticas ao pórtico encontradas na *Vida de Catão* eram pertinentes ao contexto de seu autor.

O beócio destaca a virtude de seu biografado, mas a descreve como desmedida para as circunstâncias em que o magistrado vivia e sublinha que este não soube adaptar-se por causa de sua personalidade, que se tornou muito rígida devido ao seu contato com o estoicismo.

A personalidade de Catão, própria de uma época mais antiga, quando surgiu, depois de muito tempo, entre vidas corruptas e caracteres depravados, gozou de grande fama e glória, mas não se

adaptou às necessidades por causa da intensidade e da magnitude de sua virtude, desmedida para o tempo em que vivia¹⁶⁸. (Vida de Fócion 3. 3-4)

A inflexibilidade moral e ética de Catão, fomentada pelo pórtico, é para Plutarco o fator decisivo de sua inabilidade política. O estadista, dentro do pensamento plutarquiano, devia estar apto a negociar e fazer concessões visando a um bem maior, mesmo que implicasse em fazer alianças com homens corruptos e não virtuosos; atitude condenável dentro da moral estoica, que pregava uma conduta ética e moral ilibada em todos os âmbitos da vida de seus seguidores.

Ao descrever a virtude do romano como desmedida, o biógrafo tece uma crítica ao conceito rígido de virtude estoica, a contrapondo com a noção platônica de virtude, que provêm da moderação e do domínio da razão sobre as paixões, e não de seu extermínio, como afirmavam os estoicos.

A biografia do magistrado romano transmite a mensagem de que a virtude pautada na concepção estoica não só é impossível de alcançar, como pode ser fatal quando atrelada ao exercício do poder.

Sabemos que as biografias antigas serviam a um propósito educacional voltado para a formação de homens virtuosos, por meio da utilização dos exemplos. A *Vida de Catão* não é uma exceção e seu propósito educacional é patente. Contudo, ela também apresenta uma preocupação política de seu autor com o seu contexto e procura alertar sobre os males que a filosofia estoica poderia gerar no âmbito político.

¹⁶⁸ La personalidad de Catón, propia de una época más antigua, cuando surgió, después de mucho tiempo, entre unas vidas corruptas y caracteres depravados, gozó de gran fama y gloria pero no se adaptó a las necesidades a causa de la intensidad y la magnitud de su virtud, desmedida para los tiempos que corrían.

Desta forma, percebemos que, diferente do que sugerem alguns estudos, Plutarco preocupava-se com as questões políticas de sua época e não tão somente com as questões morais e éticas.

Concluimos que a biografia de Catão, elaborada pelo autor grego, não se restringe apenas ao campo pedagógico; ela serve também a um propósito político pertinente ao contexto do autor, que ao escolher uma personagem ilustre pela sua virtude o retrata como exemplo a ser seguido, ao mesmo tempo em que tece ressalvas à filosofia estoica dominante dentro do pensamento político da aristocracia imperial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Impressas

PLUTARCO. *Obras Morales y de costumbres* (Moralia), vol X Introducciones, traducción y notas de Rosa María Aguilar. Madrid: Editorial Gredos,1995

_____. *Obras Morales y de costumbres* (Moralia), vol XI. Introducciones, traducción y notas de Rosa María Aguilar. Madrid: Editorial Gredos,1995

_____. *Vidas Paralelas*, vol VIII. Introducciones, traducción y notas de Carlos Alcalde Martín y Marta Gonzálrs Gonzáles.Madrid: Editorial Gredos,2010

_____. *Vidas de Galba e Otão*. Tradução e notas de José Luis Lopes Brandão.Coimbra:Universidade de Coimbra, 2010

SENECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

Bibliografia

AALDERS, G. J. D. *Plutarch's Political Thought*. Amsterdam, Oxford, New York: North-Holland Publishing Company, 1982.

ALFÖLDY, Géza. *História social de Roma*. Trad de: Maria do Carmo Cary. Lisboa: Presença, 1989.

ANDRÉ, J.-M. "Les écoles philosophiques aux premiers siècles de l'empire". *ANRW*. Berlin/New York, II, 36.1: 8-77, 1992.

BABUT, D. Histoire et réflexion morale dans l'oeuvre de Plutarque, *Revue Des Études Grecques*, Paris, Tome LXXXVIII, n.419-423, p.207-219, Janvier/Décembre 1975
GRIMAL, P. *La civilización romana: vida, costumbres, leyes, artes*. Buenos Aires: Paidós, 2008

BORGES, V.P. *Grandezas e Misérias da Biografia*. In:_. Pinsky, C.B (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BRUN, J. *O Estoicismo*. Lisboa: Edições 70, 1986.

C.B.R.Pelling. *Plutarch and Thucydides*, In: P.A.Stadter, (ed), *Plutarch and the Historical Tradition*. London/New York, Routledge, 1992

CHASTAGNOL, André. *Le senat romain à l'époque imperiale*. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

CIZEK, Eugen. *Mentalités et Institutions Politiques Romaines*. Paris: Hachette/Fayard, 1990. ("Pluriel").

CORASSIN, Maria Luiza. *Sociedade e Política na Roma Antiga*. São Paulo: Editora Atual, 2001.

FLACELIÈRE, R. IRIGON, J. *Introduction générale*. In: *Plutarque: Ouvres Morales, tome I, 1re partie*, Paris: Belles Lettres, 1987

GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1999

_____. *Dictionnaire des biographies*. Paris: Press Universitaires de France, 1958.

_____. "Sénèque et le stoïcisme romain". *ANRW*. Berlin/Nova York: De Gruyter, II.36.3: 1962-1992, 1990.

HELLEGOUARC'H, J. "La vie politique des romaines à travers le vocabulaire". In: *L'Information Littéraire*. Paris: J.B. Bailliére et Fils, 4: 158-166, sept/oct, 1963.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão [ET AL.]. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010

MACKAY, Christopher, S. *El declive da la república romana: De la oligarquia al Imperio*. Barcelona: Editorial planeta, 2011.

MCDONNELL, M. *Roman Men and Greek Virtue* In: ROSEN, R. M. and SLUITER, I (eds.), *Andria: studies in manliness and courage in classical antiquity*. Mnemosyne Suppl. 238. Leiden: E. J. Brill, 2003.

MICHEL, Alain. *La philosophie politique a Rome D 'Auguste a Marc Aurele*. Paris: Armand Collin, 1969.

MOMIGLIANO, A. *As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. *História e biografia*. In:_. Finley, Moses I (org). *O legado da Grécia: Uma nova avaliação*. Tradução de Yvette Vieira Pinto de Almeida. Brasília: Edunb, 1998

MOMMSEN, T. *História de Roma, libro V*. Madri: Turner publicaciones, 2003.

NICOLET, C. *O cidadão e o político* In: GIARDINA, A. (dir.). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica: cultura romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

RAALTE, M. V., *More philosophico: Political Virtue and Philosophy in Plutarch's Lives*, in: L. de Blois (e.a., eds.), *The Statesman in Plutarch's Greek and Roman Lives*, Leiden: Brill Vol. II, 2005.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco Historiador: Análise das biografias espartanas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

_____. *Plutarco e Roma: o mundo grego no Império*. São Paulo:USP, 2001. 231 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdades de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

_____. *Práticas de educação na antiguidade: Um olhar sobre a Paideia de Plutarco*, Revista Travessias, Cascavel, Vol 1, N° 1, 2007. Disponível em <<http://www.unioeste.br/travessias/>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

SLUITER.I (eds.), *Andreia: studies in manliness and courage in classical antiquity*. Mnemosyne Suppl. 238. Leiden: E. J. Brill, 2003.

SPÄTH, Thomas. Das politische und der Einzelne: Figurenkonstruktion in biographie und geschichtsschreibung. In:_, L. de Blois (e.a., eds), *The statesman in Plutarch's works*, vol.II Leiden: Brill, 2005

SWAIN.S. *Plutarch's Lives of Cicero, Cato, and Brutus*, *Hermes*, 118, 2, 1990, pp.192-203

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *O Estoicismo Romano Sêneca Epicteto Marco Aurélio*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

VEYNE, P. *O Império Romano*. In: DUBY, Georges e ARIÈS, Philippe (dir). *História da Vida Privada I: Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo: Companhia da Letras, 2007. p. 19-224.

_____. *O Império Greco-Romano*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

_____. *A sociedade romana*. Trad. Maria Gabriela Bragança. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. *Humanitas: Romanos e Não Romanos* In: GIARDINA, A. (dir.). *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.

ZIEGLER, V. *Plutarco e a formação do governante ideal no principado romano: uma análise da biografia de Alexandre*. 2009.150 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdades de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2009